

GNÓSTICOS DA PRIMEIRA IDADE

Espírito Esíades

Através do médium Fabio Bento

www.institutopiramide.com.br

Esta obra está registrada no Escritório de Direitos Autorais e o autor cede gratuitamente os direitos para veiculação através do site www.institutopiramide.com.br.

A divulgação e o compartilhamento desta obra é livre e gratuito, respeitada a sua integridade e vedada a sua comercialização.

INTRODUÇÃO

Queridos leitores,

Neste livro, trataremos diversas histórias independentes acerca daqueles indivíduos, livres de pensamento e desamarrados dos padrões de conduta religiosa de suas épocas, atualmente conhecidos apenas por gnósticos.

Um gnóstico, em definição simples e curta, poderia ser concebido como “aquele que sabe”. Desta maneira, o indivíduo gnóstico é quem procura o saber sem o estudo que sua cultura vigente orienta e indica, sem prender-se a convenções sociais que, muitas vezes, podem restringir as ações e limitar a absorção de conteúdos. Mesmo para os padrões modernos, ser um gnóstico é algo complicado, pois que não há diplomas ou certificações para o conhecimento alcançado, embora não mais existam as perseguições sob as justificativas de heresia e bruxaria.

Para entender, mesmo que de forma parca, a coragem e os dilemas enfrentados pelos gnósticos das primeiras idades, é preciso transferir a dificuldade atual e amplificá-la tantas vezes que tal matemática torna-se exponencial.

Todas as histórias contidas neste livro são baseadas em diversos papiros produzidos pelos próprios gnósticos ou por pessoas ligadas a eles, e que foram perdidos durante o período em que se encontravam arquivados sob a tutela da Igreja Católica, conforme detalha o livro “Anarquia no Clero”.

Toda coragem, determinação e perseverança daqueles indivíduos, além da fé, não poderiam ser esquecidas ou permanecerem perdidas durante a história da humanidade, uma vez que houve demasiado esforço para que existissem os papiros e a consequente documentação do que viviam e de suas descobertas e elucidaciones. Um dos principais objetivos deste livro é trazer reconhecimento e justiça a todos eles que, muitas vezes, avalizaram suas filosofias com a própria vida material.

Mais que isso, este livro é uma singela homenagem a todos aqueles que contribuíram com a formação do pensamento humano em tempos difíceis de perseguição e ignorância social, e tiveram seus legados simplesmente descartados através da materialização da ganância e da crueldade da pior faceta humana.

Apesar de muitas das próximas linhas serem conhecidas do público, desejamos que este livro seja recebido com muito carinho, pois que representa, finalmente, a realização do desejo

Gnósticos da Primeira Idade – Espírito Esíades

daqueles que produziram os papiros originais, de terem seu legado apreciado.

Rio de Janeiro, 04 de novembro de 2014.

Cordialmente,

Esíades

Gnósticos da Primeira Idade – Espírito Esíades

Dedicado aos visionários humanos.

Jacob e a Maior Presença

“Corações entumecidos pela Maior Presença, por Aquele que saúda à vida com Seu hálito, estirados à terra, como insetos mortos, como luzes apagadas que jamais se acenderão novamente; mortos neste mundo, mas vivos e acordados para toda a eternidade.

Choramos e sofremos. Muito. Mas a Maior Presença nos consola e promete o futuro real, sem perdas ou ganhos, apenas a experiência e a existência eterna; viver e morrer não passam de breves mudanças, e o que nos define não é a vida ou a morte, mas o que somos, apenas porque a Maior Presença nos gerou.

Estamos nesta terra amaldiçoada e santa apenas de passagem. Retornar é possível? A Maior Presença não morre, não vive, apenas é. Retornar talvez seja possível, portanto, assim como uma estrela”.

Jacob lia para seus amigos o que estava escrito naquele pergaminho, algo que ele próprio havia produzido. Um integrante daquele seletto grupo perguntou:

- Jacob, sabemos que és estudado, mas de onde tiras estas palavras que jamais ouvimos igual em toda terra do Senhor?

Sorrindo e calmamente, ele responde:

- Meu amigo, de onde tirastes estas suas palavras? Pois que vos digo que tirei as minhas do mesmo lugar.

Os ouvintes mantiveram-se em silêncio, sem compreender o que a resposta significava. Portanto, Jacob procurou esclarecer melhor:

- Olhando o céu e permitindo que as palavras entrassem em mim e saíssem pela boca.

Outro integrante do grupo questionou:

- Suas palavras, portanto, não são de leituras ou ensinamentos de doutores e profetas?

- Melhor que isso, meu amigo, são vindas diretamente da Maior Presença – Jacob respondeu.

Alguém perguntou:

- E o que é a Maior Presença?

- É o ar... a terra... a água... toda a vida. Está no céu e bem aqui, em nosso meio. Em ti, naquele outro, em mim e nos bezerros e peixes. A Maior Presença é responsável por tudo o que existe, desde sempre.

- Como pode estar em nós?

- Da mesma forma que está no céu, nos animais e nas plantas.

- Existem mais palavras suas para ler?

Jacob abriu novamente o pergaminho e leu suas últimas linhas:

“Sei que aqui devo viver e morrer, pois aqui nasci e cresci, mas para onde vou me tornará o que de fato fui criado para ser: eterno”.

O pequeno público ficou silencioso e pensativo. Jacob se afastou um pouco e sentou-se para descansar.

Neste momento, um amigo mais próximo juntou-se a Jacob. A princípio, sentou-se a seu lado e ficou em silêncio, porém, posteriormente, perguntou ao amigo:

- Jacob, continuo sem bem entender o que seja a Maior Presença... Poderia me explicar melhor?

Jacob olhou carinhosamente para o amigo e lhe disse:

- Meu amigo, feche seus olhos.

Assim foi feito. Então, Jacob perguntou:

- O que vê?

- Nada – disse o amigo.

Jacob lhe disse:

- A Maior Presença aí também está.

- Não entendo...

- A Maior Presença está em tudo. Até mesmo no nada. Ou melhor, onde aparentemente nada existe, aí também existe alguma coisa... A Maior Presença.

O amigo o olhava sem bem entender, mas seguiu com as perguntas:

- E como você a percebe? Como a descobriu? E como entende o que ela diz?

- Fechando os olhos posso permitir que ela adentre em mim, suavemente. Mas é preciso calma e contemplação... somente assim é possível entender o que ela tem para ensinar.

- E o que mais descobriu, além do que nos contou?

Jacob foi sincero com o amigo:

- Meu amigo... não sei bem... ainda não sei bem... Mas são tantas as coisas que me sinto perdido, às vezes. Em muitas ocasiões, observo o sol se pôr e consigo percebê-La. Mas, em outras

vezes, quando vejo violência, ela apenas parece sumir de mim, como se a vida parasse. Mas no momento seguinte, mesmo ainda em tempos de violência, se me esforçar bem, a percebo novamente... e tenho a nítida impressão de que nunca foi embora... sempre estive ali... o tempo todo... sempre estive ali.

O amigo, que ouvia a tudo com atenção, esperou um pouco e tornou a perguntar:

- E existem mais palavras suas que possa ler para nós?

- Ainda não, meu amigo... Ainda não, mas existe muito ainda a ser dito e escrito. Eu apenas não sei bem o que seja...

A conversa terminou, assim como aquele dia. E como aquele muitos outros foram iguais. Jacob havia descoberto um canal de comunicação direto com Deus, mas não suspeitava disso. Muito foi descoberto por ele, no entanto nada mais escreveu, apenas dizia abertamente às pessoas, inspirado pelo momento. Conseguiu ajudar a muitos, mas seus escritos resumiram-se apenas àquele pequeno papiro.

Na ocasião de sua morte física, aquele papiro foi encontrado em seus poucos pertences e entregue a entidades que fundavam o que atualmente se denomina Igreja Católica.

O Grupo de Discípulos do Céu

Caminhando pelas margens de um calmo rio, observando pássaros e deixando que seus pés fossem suavemente banhados pelas águas, estava um pequeno grupo de amigos de longa data, composto por cinco indivíduos. Todos eles eram maiores de vinte e um anos e trabalhadores, porém, ao cair da tarde, juntavam-se para conversar sobre questões que, muitas vezes, iam além das trivialidades das rotinas diárias.

Em diversas ocasiões falavam sobre aquele desconhecido, mas que já provocava grande alarido somente ao pronunciar seu nome: Jesus.

No entanto, na maioria das vezes discutiam temas de natureza abstrata, como, por exemplo, como seria a maneira que os montes se formavam e o motivo de o céu ser no alto e as águas abaixo. Tentavam entender as questões por trás dos fatos. Possuíam, portanto, espírito questionador, mas evitavam buscar respostas com sábios ou anciões, ao contrário, queriam descobrir por eles próprios. E isso somente porque as respostas que obtiveram, quando procuraram sábios, não lhes agradaram. Eles as consideraram superficiais e genéricas demais. Portanto, buscavam algo a mais, queriam explicações além, e não sabiam ao certo onde as encontrar. Enquanto as respostas não surgiam, apenas passavam o tempo contemplando a natureza e conversando sobre isso.

Durante anos faziam o mesmo ritual. Um dia, enquanto conversavam à noite diante a uma fogueira, um deles disse:

- Já tentaram perguntar ao céu sobre isso?

- Perguntar ao céu? – Um dos demais fez a pergunta na qual todos pensaram.

Ele prosseguiu:

- Sim. Nós já procuramos sábios e anciões, já conversamos com outros de nossas idades e buscamos nós mesmos entender, mas nada deu certo. E se o céu puder nos responder?

- Mas como o céu pode falar?

Ele explicou:

- Não sei. Não pode, na verdade. Mas tem algo que sinto que me pede para perguntar ao céu e terei uma resposta dentro de mim.

Após um período de silêncio, alguém do grupo comentou:

- Bem verdade que dizem que aquele de nome Jesus fala muito sobre céu...

Outro completou:

- Então algo deve ter por trás disso... Será que é possível falar com o céu?

Aquele que iniciou com a possibilidade respondeu:

- Não sei se é possível, mas já tentamos muita coisa... Por que não perguntar ao céu?

- Não vejo por que não...

Eles fizeram silêncio e olharam para cima, permanecendo assim durante vários minutos. Depois desse período, aquele que acenou com essa possibilidade, disse a todos:

- Senti algo diferente...

- Como? – Alguém perguntou.

Ele tentou explicar:

- Não sei bem ao certo, mas me pareceu que alguma coisa falava comigo...

- O que dizia?

- Não sei... não conseguia entender, mas sei que alguma coisa tentava falar dentro da minha cabeça.

- Tente de novo...

Ele fechou seus olhos, sendo seguido pelos demais. Fizeram mais um breve período de silêncio. Em seguida, ele abriu seus olhos e disse:

- Alguém me disse: -“Abra seus olhos para os céus e serás salvo da vida de terra”.

Boquiabertos, o restante do grupo não conseguia se expressar, mas um deles rompeu o silêncio:

- Como? Quem disse? O que quer dizer?

- Não sei... Apenas aconteceu...

Foi desta maneira que a primeira comunicação gnóstica daquele grupo aconteceu. Depois de algum tempo, eles apagaram a fogueira e foram em silêncio para suas casas, mas voltariam no dia seguinte.

Na próxima noite, após todos estarem novamente reunidos em torno da fogueira, conversaram sobre assuntos de suas rotinas, mas o que povoava as suas mentes era mesmo o tema da noite anterior. Após algum tempo, um deles resolveu abordar o assunto:

- O que significará ser salvo da vida de terra?

Alguém comentou:

- Ser salvo da vida de terra é uma forma de falar sobre isso, mas como exatamente se deu? O que foi tudo aquilo e de onde veio? Será que é possível fazer novamente?

Após um breve período de silêncio, o mesmo integrante do grupo que canalizou a mensagem na noite anterior, se pronunciou:

- Podemos tentar novamente... Vamos fechar os olhos...

Todos concordaram e entraram em momentos de silêncio e atenção, mas nada aconteceu. Até que um deles rompeu o silêncio dizendo:

- Nada pude perceber. Mas algum de vós conseguiu?

Todos responderam negativamente. O grupo esperava um retorno positivo daquele que recebeu na noite anterior que, entendendo a situação, disse:

- Não podemos apenas esperar que eu consiga. Temos todos de tentar verdadeiramente.

Desta forma, imediatamente, todos voltaram à concentração e fecharam seus olhos, mas desta vez de maneira muito mais focada. Todos estavam conscientes de que cada um deles teria condição de conseguir, não apenas um.

O grupo permaneceu em silêncio por vários minutos, até que, pouco a pouco, cada membro do grupo foi abrindo os olhos até que todos já estivessem fora da concentração. Todos estavam sorrindo. Um a um, foram dizendo o que perceberam:

- “Sinta, apenas sinta e assim saberás o que não podes ler e ser ensinado pelos homens”.

- “Saiba que a terra é pó, assim como os braços e as pernas. Somente o que compõe o que está dentro sobe aos céus”.

- “Nada vale a dor da omissão. Tentar o espírito é conseguir a paz do amor”.

- “O céu está atento e aberto. As portas estão esperando a entrada daqueles que estiverem puros e com seus corações lavados com a água purificante da fé”.

- “O céu assim o é. Nada mais que amor, luz e sorrisos. Mas é preciso romper os pecados cometidos, com a santidade da vossa união com teu próximo”.

Após o último integrante dizer o que recebeu, não conseguiram se conter e riram de alegria por estarem entrando em um campo novo para eles, mas que lhes transmitia imensa felicidade.

Permaneceram o restante da noite apenas analisando todas as mensagens que receberam.

Durante meses o grupo recebeu mensagens e cada vez mais com maior facilidade. Não sabiam ao certo como faziam ou quem possibilitava as transmissões, mas se consideravam discípulos.

Em uma daquelas noites, um membro do grupo perguntou aos outros:

- Somos discípulos... mas quem é nosso mestre?

Após um breve período de silêncio, alguém respondeu:

- Somos discípulos do céu.

- Discípulos do céu?

- Sim. É o céu quem nos diz estas coisas.

- Mas o céu fala diretamente conosco?

- Sim. O céu fala diretamente conosco.

- Certo. Ninguém mais está aqui além de nós, nos ensinando estas coisas. Não há um mestre conosco... apenas o céu, que nos responde e ensina o que devemos saber.

Desta forma, o grupo se autodenominou discípulos do céu. Durante anos, todas as noites, eles se reuniam para realizar o mesmo ritual. Não incomodavam a ninguém, não pediam nada a ninguém e cumpriam com suas obrigações durante o dia.

Infelizmente, pouquíssimo material foi por eles deixado documentado, pois que isso foi feito muito tempo depois por alguns de seus descendentes que ouviram suas histórias. Com isso, muito se perdeu, mas este breve relato acaba realizando uma singela homenagem a eles.

Seus registros foram documentados e enviados à instituição que se autoproclamava defensora dos herdeiros do Cristo e, posteriormente, enviados à Igreja Católica, onde tiveram fim, séculos depois.

Jonas e seu Amigo

Já era noite. Há muito a lua ocupava o céu. Jonas vagava pela estrada que conduzia até a antiga cidade de Jerusalém. Estava pensativo. E confuso.

Seus pensamentos distanciavam-se dos problemas decorrentes das rotinas diárias, de suas funções como trabalhador e dos problemas materiais que afligem a tantos. Jonas, naquele momento, perdia essas questões de vista, mesmo sem querer, e andava na direção de Jerusalém com um único tema em sua mente.

Lembrava-se de todas as histórias que ouviu sobre um homem que há alguns anos tinha estado entre todos os homens. Um homem que, segundo o que ouvira, não era homem; havia sido, mas, em verdade, era um santo. E mais que isso: filho do próprio Deus.

Jonas não teve a oportunidade de conhecer Jesus pessoalmente, mas conhecia muitas histórias contadas pelo povo. Já havia anos que aquele que muitos chamavam - e ainda chamam - de mestre não estava mais entre os homens, e teria subido aos céus para morar com Deus, seu pai.

Tudo isso confundia Jonas e o angustiava, pois, segundo ele, se tudo era verdade, como pode ele não ter se esforçado para conhecer tal homem santo?

Jonas se torturava, uma vez que poderia tê-lo conhecido pessoalmente, se quisesse. Ele lembrava que Jesus havia passado em sua cidade, mas, naqueles dias, estava ocupado demais para deixar seu trabalho apenas para ver um homem que causava furor entre as pessoas. E essa lembrança o angustiava. Era sofrido para Jonas.

Depois de horas caminhando, sentindo-se fraco e cansado de tanto esforço físico e mental, Jonas apenas recostou-se no tronco de uma árvore qualquer e dormiu profundamente.

Não demorou para que seu espírito estivesse desdobrado. Em seguida, ali mesmo perto da árvore, o espírito de Jonas percebeu outro espírito se aproximar. Um homem alto, com vestes limpas e claras, com aparência simpática e iluminada. Jonas apenas o observou enquanto caminhava até ele. Ao chegar perto, o homem disse em tom cordial:

- Bem-aventurado és tu, Jonas. Estejas com a paz do Senhor, nosso Pai.

Sem medo e com a mesma cordialidade, Jonas agradeceu e perguntou ao desconhecido:

- Obrigado, bem-aventurado homem. Desejo o mesmo para ti, mas quem és tu? De onde vens?

- Sou um amigo. Habito o mundo dos mortos, mas posso falar a ti – o homem respondeu.

- E o que deseja falar, homem?

- Você arde em querer respostas, Jonas. Tem muitas perguntas e se desgasta em conquistá-las, além de se torturar por não ter conhecido Jesus enquanto ele estava entre os homens. Mas não fiques assim... É possível saber... é sempre possível saber, desde que se procure nos lugares certos.

- E que lugares seriam estes?

- Dentro de cada homem.

- Dentro de cada homem? O que quer dizer?

- Que dentro de cada um há respostas para todas as perguntas, pois que dentro de todos há um rio que leve ao mar de Deus.

- E como faço para conseguir ir até o mar de Deus? Podes me ajudar?

- É certo que sim, por isso estou aqui.

Jonas sorriu para aquele estranho amigável. Eles apertaram as mãos e, sem seguida, Jonas acordou do sono. Já era manhã.

Estranhamente havia se passado horas, embora para Jonas a sensação fosse de que apenas alguns minutos teriam transcorrido.

Ele se lembrava de tudo, mas experimentava uma estranha sensação, pois não sabia ao certo o que havia acontecido. Levantou-se e optou por deixar o evento na categoria de sonho. Continuou sua peregrinação rumo a Jerusalém, em silêncio, sozinho e pensativo.

De forma fora do habitual, na parte da tarde, sentiu-se cansado como se tivesse empregado grande esforço físico, o que em verdade não havia acontecido. Sem querer forçar o exercício, preferiu o descanso, como forma preventiva. Escolheu uma árvore e lá se recostou. Não demorou nem um minuto e já estava adormecido e desdobrado. O mesmo espírito da noite aproximou-se e o saudou:

- Amigo Jonas, que a paz de Nosso Senhor esteja convosco!

Jonas, sem medo, respondeu a gentileza:

- Desejo igual bem-aventurança ao amigo.

O espírito prosseguiu:

- Jonas, estás preparado para seguir ao mar de Deus?

- Não sei meu amigo. Diga-me você o que crê sobre isso.

- Não o sabes, Jonas? Mas a principal preparação está na vontade em chegar até esse mar. Nada mais é necessário para que isso aconteça. Então, estás preparado?

Jonas respondeu com firmeza:

- Sob esta forma de pensar, sim, estou preparado. Mas ainda não sei como isso se dá.

- É por isso que aqui estou. Para lhe ensinar.

- E o que podes me ensinar?

Mas antes que o espírito amigo pudesse responder, Jonas pensou rapidamente e perguntou novamente:

- Mas por que deseja me ensinar? Por que me escolheste? Por que, entre tantos, tu deseja me ensinar? Isso não entendo.

O espírito respondeu:

- Não te escolhi, Jonas. Você se colocou em posição de receber ajuda, com tuas ações, pensamentos e interesses sinceros.

Jonas continuou indagando:

- Outros que tiverem ações como as minhas também poderão receber ajuda?

- Exatamente, Jonas. E o mundo se tornará um lugar cada vez mais difícil de viver, com atos de violência, roubos e distrações. Com isso, o homem ficará distante da Divindade pouco a pouco, cada vez mais. E, assim, para aqueles, como tu, que desejarem firmemente e sinceramente a presença límpida do Pai, isso será tarefa árdua, mas há quem possa conseguir; no entanto, volto a dizer, quanto mais o tempo passar, mais complicado e menos ajuda do céu terão.

- Por que menos ajuda do céu?

- Porque os homens estarão colhendo suas próprias plantações. Serão culpados por séculos de violência, atrocidades e adultérios. Como podem, em períodos de vinte a trinta anos, quererem regenerar quase que mil anos de ingratidão e intolerância. Hoje, Jonas, tu tens ajuda, pois que tua conta é baixa. Mas quanto mais o tempo passar, mais chance de erro haverá e tua conta aumentará. Assim, a oportunidade de ajuda diminuirá conforme tua conta aumentar. É assim o céu. Por isso, quanto mais cedo o homem buscar Deus de forma pura, mais ajuda e chance terá de conseguir.

Jonas ficou em silêncio. O espírito perguntou:

- Estás pronto, Jonas?

- Sim, estou.

- Mantenha-se assim.

Abruptamente Jonas acordou e não havia se passado nem cinco minutos, mas, ao contrário da noite, ele teve a sensação de ter passado horas.

Levantou-se e continuou sua caminhada, mas pensando em tudo o que ouvira do espírito amigo.

Jonas caminhava vagorosamente, pois a pressa que antes lhe motivava, não mais existia. Não que sua vontade de encontrar respostas sobre Jesus houvesse passado; ao contrário, ele estava percebendo que aquelas mesmas respostas não viriam com o simples fato de estar em Jerusalém, mas poderiam surgir em decorrência do contato com aquele amigo que lhe visitava os sonhos. Entretanto, não desistiu de ir até Jerusalém, porém sabia que antes mesmo de chegar ao destino poderia ter respostas e informações, além de suas perguntas.

O dia passou e Jonas pouco progrediu em sua caminhada. Com isso, com Jerusalém ainda distante, recostou-se novamente no tronco de uma árvore e adormeceu, já na expectativa de novo encontro com seu amigo, o que aconteceu tão logo dormiu. Foi saudado:

- Bem-aventurado és, Jonas, pois que sabias de minha presença antes mesmo que me anunciasse. Seja tu abençoado por Deus.

Jonas respondeu com sobriedade:

- Não te agradeço pelas palavras de júbilo, pois sei que não as mereço, mas sou grato por tua presença junto a mim. Seja tu também abençoado por Deus.

O amigo, contente, lhe disse:

- Jonas, vejo que tu estás preparado para iniciarmos. Feche, portanto, seus olhos e apenas tente esvaziar sua cabeça de pensamentos. Limpe tudo. Fique apenas com o vazio.

Mesmo de pé, mas em desdobramento, Jonas cumpriu as orientações do espírito amigo e tentou se livrar dos pensamentos, o que não era fácil. No entanto, mesmo sem alcançar sucesso total nesta tarefa, conquistou mérito parcial e isto foi o suficiente. O amigo lhe disse:

- Abra agora seus olhos, Jonas.

No momento em que abriu seus olhos, Jonas percebeu que não mais estava perto da árvore ou de seu corpo físico. Estava em um lugar muito lindo, com belas árvores, grama, flores, mas também construções belíssimas que ele jamais havia visto igual, e também pessoas com aparência muito mais saudável que o habitual e com roupas igualmente surpreendentes para ele, que se expressou com contentamento:

- Isto é muito lindo! Um lugar como nunca vi!

O espírito amigo fez silêncio e Jonas pôde finalmente externar sua surpresa por ali estar:

- Mas... não entendo... que lugar é esse? Como viemos parar aqui?

- Aqui é uma cidade no céu, Jonas. Viemos para cá, pois você mereceu aqui estar.

- Cidade no céu? – Jonas não conseguia acreditar.

- Sim. E toda vez que adormecer poderá retornar para cá.

- E você estará aqui?

- No início, sim, enquanto você ainda não puder seguir sozinho.

- E o que viemos fazer aqui?

O espírito amigo sorriu e disse com extrema satisfação:

- Viemos aqui, pois que neste lugar eu lhe ensinarei a conseguir as respostas que desejas obter.

- Todas? Mesmo sobre Jesus?

- Exatamente.

Jonas perguntou:

- E nós ficaremos aqui mesmo?

- Todos os lugares são povoados por Deus, Jonas. Basta que aquele homem que quiser Sua Santa presença se esforce neste sentido, e assim será.

Jonas estava maravilhado com o lugar, com a oportunidade e com as explicações, portanto, ficou durante alguns momentos em silêncio, apenas contemplando o que via, mas em seguida perguntou ao espírito amigo:

- Começaremos hoje?

- Ainda não. Agora você apenas saberá sobre estas coisas, mas começaremos em outra oportunidade.

Jonas pensou durante alguns segundos e perguntou:

- Meu amigo, tu bens sabes que estou peregrinando a Jerusalém, pois que desejo respostas, mas vejo que poderei encontrá-las no convívio contigo. O que achas que devo fazer, continuar em minha jornada rumo àquela cidade na busca pelo que desejo ou retornar a meus afazeres e

trabalhos, que deixei em minha cidade, e apenas receber as respostas de ti ou do que tu me ensinares durante estes encontros? O que achas, meu amigo?

O espírito amigo sorriu e respondeu com tranquilidade:

- Jonas, tu estás tendo esta oportunidade de encontrar-se comigo e ter respostas justamente porque as buscaste primeiro, partindo em jornada para Jerusalém.

- Isso quer dizer que preciso mesmo ir a Jerusalém? Lá terei respostas também?

- Jonas, Jerusalém é uma cidade como a tua, feita de homens e casas, com animais e plantas, com qualidades e defeitos. Não é Jerusalém que te beneficiou, mas tua vontade em sair em busca de respostas.

Jonas ainda estava confuso:

- Mas, meu amigo, não entendo... Diga-me com clareza: se deixar de ir até Jerusalém não receberei mais tuas visitas?

- Se deixares de querer respostas não receberás minhas visitas. Aqui estou porque teu desejo em saber é maior que ti mesmo.

- E o que tem Jerusalém nesta questão?

- Nada. Mas isso você ainda não entendeu.

- Realmente não. Então me diga, meu amigo.

O espírito amigo tentou explicar melhor:

- Você entendeu que Jerusalém era uma chave para encontrar respostas. Portanto, segue para lá. Mas eu te digo que a chave para as respostas está em teu desejo por estas mesmas respostas. Se seguires para Jerusalém e mantiveres esta chama por saber acesa, que continues seguindo. Mas, se conseguires manter tua vontade por conhecimento mesmo sem rumar até Jerusalém, digo-te de que não precisarás mais peregrinar até lá. A resposta para tua pergunta, portanto, está em ti.

Jonas parecia estar entendendo:

- Então, tu vieste até mim porque tenho vontade de saber, não porque sigo até Jerusalém?

- Exatamente.

Jonas continuou a falar buscando confirmação de seus pensamentos:

- E você continuará a vir mesmo que eu não siga mais para Jerusalém, mas mantenha a vontade por respostas viva?

- Exatamente.

Jonas ficou pensativo e o espírito amigo lhe disse:

- Jonas, você entendeu. Mas não precisa deixar de ir ou decidir isso agora. Eu entendo que o fato de rumar para Jerusalém é um grande apoio e você ainda precisa disso. Portanto, permaneça seguindo até que entenda que não é mais necessário ou entenda que ainda é necessário. Mas mantenha sua vontade por respostas sempre acesa.

Jonas entendeu. O espírito amigo lhe tocou na testa e ele acordou no mesmo tronco de árvore com todas as recordações do que havia acontecido.

Ficou parado durante um tempo. Estava pensativo, não confuso, mas ainda não havia decidido o que faria, se continuaria rumando até Jerusalém ou voltaria para sua cidade natal. Mas Jonas nada fez. Ficou no mesmo lugar, sem ir a lugar algum. E ali mesmo passou a noite e a manhã do dia seguinte, sem dormir e pensativo.

Até que finalmente levantou-se e voltou a andar na direção de Jerusalém, mas sem tanta pressa ou com a vontade de antes. Caminhava sem muita certeza, mas esperava que a chama da qual o espírito amigo lhe falara ainda estivesse acesa.

Ao final do dia, com o cair do sol, Jonas buscou novo refúgio e calmamente, devido ao cansaço, logo adormeceu.

Não demorou a ser saudado por seu novo amigo:

- Que a Paz do senhor esteja contigo, Jonas.

- Estou fazendo o certo? – Jonas não hesitou em perguntar.

O espírito amigo lhe respondeu:

- Jonas, você anda sem confiança. Assim, apenas está cumprindo uma tarefa vazia, sem significado profundo. E é exatamente essa profundidade que me trouxe aqui e que me manterá em teu auxílio.

Jonas perguntou:

- Estou me perdendo? Estou perdendo este contato?

- Não está porque se preocupa com o contato, mas se desgasta com isso. Precisa sentir a confiança do Senhor em ti, Jonas. Ande para onde andar.

Jonas ficou pensativo por alguns momentos, mas em seguida perguntou:

- Iremos até a cidade no céu?

O espírito amigo respondeu:

- Não hoje, Jonas. Agora você vai apenas dormir profundamente para completo descanso e relaxamento. Amanhã retorne seu caminho seja qual for, mas mantenha a vontade de respostas intacta.

Assim o espírito amigo sumiu e Jonas adormeceu por completo. Acordou revigorado pela manhã e já sabia o quê fazer.

Assim que o dia nasceu, Jonas se posicionou na direção de Jerusalém e tomou o caminho que conduzia até aquela cidade. Andou durante toda manhã em um bom ritmo, sem parar para descansar, apenas no meio da tarde, quando se sentou à beira do caminho para esperar o sol baixar um pouco. Mas foi apenas sentar-se para que adormecesse e o espírito amigo surgisse novamente:

- Bem-aventurado sejas, Jonas.

Jonas retribuiu o cumprimento e ficou em silêncio, mas sorrindo. O espírito amigo comentou:

- Vejo que te diriges para Jerusalém. Posso perguntar a causa de sua decisão, Jonas?

Jonas respondeu:

- Você me disse que poderia ir para qualquer lugar, desde que mantivesse minha vontade por respostas intacta, estou certo?

- Está correto, Jonas.

Jonas continuou:

- Desejo conhecer mesmo Jerusalém. Desejo ver como vivem as pessoas depois de Jesus passar por lá. Mas já sei que essas pessoas e esse lugar não podem me responder o que quero, embora saiba que posso conseguir contigo, meu amigo.

O espírito amigo lhe respondeu:

- Bem-aventurado és tu, Jonas, que descobriu estas coisas de teu coração, bastando apenas que eu lhe desse alguma direção. Muitos jamais conseguem.

Jonas estava ansioso para obter as respostas e logo perguntou:

- Hoje iremos começar o que você quer me ensinar?

- Sim, Jonas. Venha comigo e lhe mostrarei.

Assim, em um piscar de olhos, já estavam na cidade espiritual em um local reservado, muito

embora ao ar livre. Eles se sentaram na grama verde e o espírito amigo lhe disse:

- Respire fundo, Jonas, feche seus olhos e não sinta mais nada... apenas a paz do Senhor.

Jonas assim o fez, mas não conseguiu a concentração necessária, o que foi percebido pelo espírito amigo, que lhe disse:

- Acalme seu coração, Jonas. A resposta está em ti. Basta olhar calmamente para o lugar certo. Respire, respire e respire novamente.

Jonas obedeceu e, de olhos fechados, ouvia apenas a voz do espírito amigo:

- Você precisa despertar do corpo para a água. Você precisa sair das coisas dos homens e entender as coisas de Deus. Assim, tudo lhe será dado e permitido.

Durante algum tempo, os dois ficaram em silêncio e de olhos fechados.

Após este período de contemplação interior e conexão com energias mais elevadas, o espírito amigo orientou Jonas a abrir seus olhos e lhe disse:

- Jonas, toda vez que fechamos nossos olhos é como se estivéssemos negando olhar o mundo dos homens e quiséssemos ver o mundo e as coisas de

Deus. É evidente que não basta fechar os olhos. É preciso devoção e tranqüilidade; é preciso paciência e paz; e mais que tudo, é preciso querer sentir a presença de Deus mais que todas as coisas, na cabeça e no coração.

Fez uma pausa e logo em seguida perguntou ao atento Jonas:

- Você percebe algo maior vibrando em ti, Jonas?

Jonas fechou seus olhos e em seguida respondeu:

- Percebo, mas sei que ainda não é o que pode ser.

O espírito amigo perguntou:

- Jonas, em que lugar está Deus?

- No céu.

- E onde é o céu, Jonas?

- Onde estamos. Essa cidade é no céu.

O espírito amigo esclareceu:

- Deus está no céu, está na terra, está no ar e na água. Deus está nos homens e nos animais, nas

pedras e nas plantas. Deus está em mim e em ti, naquele que tem pão sobrando e naquele que passa fome e sede. E Deus ainda está em lugares que ainda não descobrimos existir e, assim mesmo, Deus ali está.

Pausou, olhou fixamente para Jonas e prosseguiu:

- Jonas, não existe um lugar para se encontrar Deus. Não existe uma maneira única de se encontrar Deus e não existem escolhidos para se encontrar com Deus. Todos podem, de todas as maneiras e em todos os lugares. Apenas existe uma única condição.: você sabe qual é, Jonas, a condição para se encontrar com Deus?

Jonas respondeu com firmeza:

- Querer se encontrar com Deus.

O espírito amigo sorriu de satisfação e comentou:

- Sim, Jonas. Está correto. E sabe o que Deus pode nos dar?

Jonas fazia ideia, mas não soube o que responder. Diante do silêncio do pupilo, o espírito amigo respondeu:

- Ele pode nos dar tudo. Todas as respostas e condições. Basta que queiramos e tenhamos força de vontade para conseguir.

Jonas ficou pensativo e o espírito amigo concluiu:

- Hoje está completo. Volte agora para seu corpo.

Imediatamente Jonas acordou onde estava. Não levantou. Ficou pensativo. Pela primeira vez, não teve pressa em retomar sua caminhada. Na verdade, Jonas pensava que mesmo ficar sentado em silêncio, sem se locomover, fazia parte de sua caminhada. De alguma forma ele entendia assim.

Não levantou durante um bom tempo, ficou contemplando o cenário e tudo o que acontecia. Olhou a terra, o céu, os animais, as plantas, as árvores. Jonas sentia alguma conexão com o lugar, sentia-se integrante e não quis sair de lá ou teve vontade de retomar a caminhada, pois julgava que o que estava acontecendo era, de alguma maneira, melhor que rumar até Jerusalém.

Então algo aconteceu. Jonas estava acordado e bem acordado e mesmo assim o espírito amigo surgiu para ele. Não em forma de espírito, mas como tivesse um corpo físico, materializado. Naquela altura dos acontecimentos, Jonas não se

espantou com a aparição; ao contrário, sorriu e cumprimentou o amigo:

- Que as bênçãos do Senhor estejam convosco, meu amigo!

O espírito amigo respondeu:

- Que assim seja, Jonas. E que o Pai ilumine sempre a ti e seus caminhos.

Jonas perguntou:

- Para vir a mim desta maneira deve haver um motivo muito bom. O que é?

O espírito amigo lhe respondeu:

- Muito bem, Jonas. Já entendeu que algo bom há.

Mas nada mais disse. Apenas ficou observando Jonas, que lhe disse:

- Veja aquela árvore adiante... parece que quando o vento sopra mais forte, sinto o frio como se ventasse em mim. Acho que fiquei muito tempo olhando para ela e por isso tenho essa impressão.

O espírito amigo respondeu:

- É certo que ficou bastante tempo, mas nunca será demais para a contemplação da obra Divina. E não parece que sente o frio... Você sente o vento, Jonas. Quando o vento sopra mais forte naquela árvore, você sente vento em ti e sente frio.

Jonas, que não mais se surpreendia com nada, apenas perguntou:

- Mas qual o motivo disso ocorrer?

O espírito amigo fez outra pergunta:

- Diga-me, Jonas, por que não continuou a caminhar e, ao invés disso, ficou sentando olhando a árvore?

- Me pareceu o certo. Não sei responder.

O espírito amigo fez nova pergunta:

- De onde acha que veio isto? O que será que lhe disse que ficar era o certo? De onde veio?

Jonas pensou, mas respondeu sem muita profundidade:

- Não sei responder.

O espírito amigo sorriu e lhe disse:

- Está correto. Bem-aventurado és tu que não sabes responder.

Jonas questionou:

- Não entendi...

Surgiu a explicação:

- Todas as respostas, quando queremos sentir Deus, vem de Deus, e muitas vezes não sabemos. Mas não precisamos saber, precisamos apenas sentir o que é o certo em ser e fazer, sem questionar, sem se importar de onde vem e sem saber de onde vem. Apenas fazer.

Fez uma breve parada e continuou:

- Jonas, você não precisava de treinamento algum. Bastava que você percebesse a necessidade de olhar para dentro de verdade. Aquela árvore é tão filha de Deus quanto você, é tão parte da criação quanto você e tem Deus em si tanto quanto você. E quando você percebeu isso, ligou-se a ela e pôde sentir como ela sentiria; pôde sentir o vento bater. Se você parar e concentrar-se em algum animal, poderá sentir os batimentos de seu coração. Você será a terra e as águas dos rios. E assim, Jonas, poderá retirar todas as respostas que desejar, mesmo sem saber de onde vêm. Mas saiba que virão de Deus.

Jonas apenas sorria, mas depois de um tempo respondeu:

- Eu entendo que Jerusalém nada pode me oferecer... Estou bem aqui e aqui ficarei, pois estou onde gostaria de estar. Estou com Deus.

- E é por isso que aqui estou – completou o espírito amigo.

E assim, sem despedidas, o espírito amigo estava sumindo da forma que surgiu, mas antes que desaparecesse por completo, Jonas perguntou:

- Espere! Antes de ir, diga-me seu nome... Quem és tu?

Ele sorriu e respondeu:

- Não importa, meu amigo Jonas. Mas saiba que estive com você durante muito tempo e que assim permanecerei. E, por mim, chegamos aqui. Somos amigos e somos irmãos.

Jonas nada mais perguntou. O espírito amigo se foi e, a partir daquele dia, Jonas passou a ter várias respostas para muitas perguntas, respostas que não sabia de onde vinham.

Um dia, passou um forasteiro e conversou com ele. Gostou tanto do que ouviu que resolveu escrever tudo o que podia. Depois de um tempo,

Gnósticos da Primeira Idade – Espírito Esíades

esses escritos foram encaminhados às autoridades religiosas da época, de quem passaram a ser responsabilidade.

O Homem da Montanha

Felipe era um homem simples, morador de uma caverna no alto de uma das montanhas próximas da cidade de Jerusalém. Poucos sabiam de sua existência; na verdade, aqueles que algum dia o conheceram pensaram que havia morrido, pois nunca mais aparecera publicamente depois de seus vinte e um anos.

Sua reclusão era voluntária e motivada por frequentes decepções com a vida. Primeiro, logo aos cinco anos de idade, a perda precoce de seu pai. Daquele momento em diante, sua mãe se esforçou para garantir que a família tivesse sustento. Mas, quando Felipe completou sete anos, sua mãe também desencarnou.

Felipe era o mais novo de oito irmãos, e a partir daquele momento, também passou a trabalhar. Já naquela oportunidade, Felipe mostrava descontentamento com a situação, mas ainda nada podia fazer.

Ao completar doze anos, dois de seus irmãos, incluindo o mais velho - a quem Felipe mais se afeiçoava - foram mortos por soldados, incluindo requintes de crueldade com seu irmão preferido.

Felipe, ao ver os corpos de seus irmãos, correu para o mais longe que pudesse. Queria gritar, queria bater nos soldados, mas não podia. Apenas

correu e, quando estava bem longe, chorou tanto que adormeceu em seguida, tamanho o cansaço que sentia.

Ele estava em uma montanha, nem tão alto, mas a uma altura considerável. Após acordar, encontrou uma caverna e, a princípio, teve medo de entrar, com receio de se deparar com animais selvagens. Então ficou do lado de fora apenas observando a movimentação das poucas pessoas que passavam no pé da montanha.

Felipe ficou horas do lado de fora da caverna prosseguindo com a observação, sem saber o motivo pelo qual fazia isso. Foi quando um grupo de soldados surgiu e abordou alguns jovens que estavam próximos à montanha sem nada fazer. Após um breve período de conversa, os guardas iniciaram uma sessão, sem sentido, de violência gratuita. A cena horrorizou ainda mais o já fragilizado Felipe.

O rapaz não pensou mais e entrou na caverna sem se importar com o que poderia encontrar no local. Ele pensou que tudo o que encontrasse não poderia ser pior que a realidade do lado de fora da caverna.

Foi assim que iniciou seu estilo de vida. Não encontrou animais selvagens que fossem tão perigosos a ponto de levar perigo à sua vida. E, fundamentalmente, por mais escura e úmida que a

caverna fosse, Felipe sentia-se seguro, pois não havia os perigos que o lado de fora da caverna oferecia.

Naquele primeiro momento, não passou mais de alguns dias dentro da caverna. Estava com frio e fome, precisou sair e resolveu voltar para casa. Seus irmãos que restaram apenas perguntaram por onde ele havia andado, mas não demonstraram nenhum sentimento a mais por ele ter voltado.

Felipe retornou ao trabalho normalmente, mas a saudade de seus irmãos e a insatisfação com a situação geral de sua vida lhe motivava a retornar para aquela caverna, que já chamava de sua.

Apenas um mês depois de seu retorno, Felipe reuniu pães e frutas, um pouco de água e agasalhos de couro e resolveu voltar para a caverna, nem que fosse por alguns dias, como ele pensava.

Aquele menino de doze anos achava que sentia toda a felicidade do mundo no interior daquela caverna fria, úmida e escura.

Ele ficava em silêncio, apenas ouvindo alguns sons que a caverna proporcionava. Sentado e feliz. Felipe dormia com a tranquilidade de um bebê e não queria mais voltar para casa, mas precisava, pois não havia mais comida após alguns dias. Felipe se frustrou por ter de voltar, mas já pensava em um plano que lhe proporcionasse permanecer

em seu lugar favorito no mundo o maior tempo que pudesse.

Felipe ficou anos daquela forma, passando meses em casa e dias na caverna. Todas as vezes que conseguia se desligar de todos os seus problemas, era possível a ele se conectar com algo a mais, mesmo sem saber disso. Esse algo a mais consistia nas energias espirituais que acessava, graças à paz de espírito que passara a nutrir.

Depois de alguns anos, Felipe passou a tentar ficar mais tempo na caverna - uma espécie de terapia até aquele momento-, ao invés de ficar tanto tempo em casa.

Aos poucos, foi invertendo a ordem e tendo mais dias na caverna que em casa. Isso aconteceu gradativamente, sem ser rápido demais. Ele fez esse processo tão bem feito que seus irmãos pouco perceberam que o tempo em que não o viam estava aumentado a cada período que se ausentava.

Quando completou vinte anos, Felipe conseguia passar um mês inteiro na caverna e alguns dias em casa.

Na caverna não havia nada que tivesse levado de casa. Tudo que porventura algum dia teve, como recipientes para água e comida, agasalhos e utensílios em geral, foram retirados por Felipe, que desejava ter apenas material que pudesse ser

fabricado com o que possuísse através do contato com a natureza, para que nada pudesse contaminar a relação que ele tinha com a caverna, como ele mesmo pensava.

Desta forma, sem saber, Felipe purificou e santificou aquele ambiente, tornando uma espécie de templo de paz, onde podia se conectar, cada vez mais, com altas energias espirituais.

Ele passou a ter ideias muito adiantadas para sua época e passou, com isso, a amadurecer seu pensamento e raciocínio.

Depois de mais um ano de idas e vindas, Felipe não tomou conscientemente a decisão de não mais voltar para casa; ao contrário, mesmo não querendo, tinha planos para voltar. Mas na última vez que saiu de casa para passar um período na caverna, ele estava diferente. Não era mais o mesmo que sempre foi. Não havia mais volta, Felipe era um amadurecido pensador graças aos longos períodos de silêncio e meditação na caverna durante anos, meditação esta feita sem técnicas ou sem perceber que era feita. Mas a contemplação da natureza e o silêncio proporcionavam efeito similar.

Felipe sentiu-se diferente - e realmente estava -, sentiu que não fazia mais parte daquele ambiente, com aquelas pessoas. Não que se julgasse bom demais para ali estar, apenas sabia que ali não mais

se encaixava. E as pessoas, naturalmente, o excluíam de alguma forma do convívio social. Esta conclusão ele tirou sozinho. Mesmo assim ainda queria voltar, mas sempre o pensamento de que não mais fazia parte do lugar o incomodava e o impulsionava ao isolamento.

E foi o que fez. Naquele momento, já conseguia colher frutas e água, tinha utensílios feitos por ele e sabia técnicas de sobrevivência naquele ambiente inóspito para todos os demais, mas aconchegante para ele, que permitiam que ficasse o tempo que quisesse naquele lugar.

Naquele dia, Felipe, ainda sem saber, desligou-se da vida normal em sociedade e iniciou sua grande busca interior e universal na direção de Deus.

Nos primeiros meses, Felipe sentia-se satisfeito e acabou por não dar atenção aos seus mais profundos pensamentos. Mas com o passar do tempo, já adaptado a viver na caverna sem a presença de mais ninguém que pudesse ser visto, Felipe iniciou um processo de reflexão, onde ficava muito tempo envolto nas ideias que lhe surgiam.

Durante anos ele aprimorou pensamentos e ideias sobre a vida e sobre as coisas celestes, porém tudo estava guardado com ele mesmo, pois não havia ninguém para compartilhar.

Felipe não sentia falta do contato com outras pessoas, mas percebia que precisava passar adiante todas as coisas que pensava e aprimorava, muitas das quais ele ignorava de onde poderiam vir ideias tão bem resolvidas sobre a vida humana.

Até que um dia, um viajante buscando abrigo de um temporal entrou em sua caverna. Mas não haveria problemas, pois Felipe já vivia em áreas mais profundas da caverna, e não mais na parte próxima à saída, onde estava o viajante.

No entanto, o homem que se abrigava da chuva resolveu adentrar a caverna para explorá-la melhor, devido a seu espírito de aventura e ânsia por conhecer coisas novas.

Felipe ainda não sabia da existência do viajante e permaneceu da maneira que estava, mas o aventureiro acabou se infiltrando demais e chegou muito perto de onde Felipe estava, fazendo um barulho que chamou a atenção do ermitão.

No mesmo instante em que ouviu o barulho, Felipe ouviu uma voz, mas que não vinha de fora e não lhe falava aos ouvidos materiais, mas surgia de dentro de sua própria cabeça:

- Não temas!. Abrigue, converse, conforte. É necessário o diálogo totalmente aberto, Felipe.

Ele teve medo, mas não se intimidou diante à novidade que a situação lhe proporcionava. Permaneceu em silêncio, apenas aguardando algo acontecer. Não sabia ao certo do que se tratava a voz em sua cabeça, mas tinha certeza de que deveria ouvi-la com total atenção, mesmo sem saber o motivo de tamanha confiança. Assim, manteve sua posição.

O viajante foi adentrando a caverna e logo encontrou a entrada do recinto onde estava Felipe. O homem portava uma tocha que iluminava o caminho. Assim que entrou no canto da caverna onde Felipe estava e iluminou o ambiente, imediatamente o ermitão foi percebido no canto. De súbito, a surpresa intimidou o viajante. O susto e o receio do inesperado fizeram com que o homem pusesse a mão direita em sua arma de defesa, uma adaga, mas Felipe, que também o via com perfeição, não se assustou com nada, permanecendo imóvel e em silêncio, apenas olhando o forasteiro, que disse, assustado:

- Quem é você? Não quero problemas! Fique parado, fique parado!

Felipe apenas respondeu-lhe:

- Ninguém quer problemas. Eu não estou me mexendo.

O forasteiro não sabia o que dizer, então insistiu com a pergunta que havia ficado sem resposta:

- Quem é você? Quem é você? – dizia com voz trêmula, demonstrando medo diante da surpresa que a situação provocava.

Felipe, com calma, respondeu:

- Sou Felipe.

De tão nervoso, o viajante perguntou:

- O que você quer?

Felipe, imóvel e com voz amigável, respondeu:

- Nada. Estou aqui, como estava antes.

O viajante percebeu seu equívoco e perguntou em seguida:

- Mas o que faz aqui, no escuro, nesta caverna? És bandido?

Felipe, mantendo a postura, respondeu-lhe:

- Eu vivo aqui. Esta é minha casa.

- Casa? Mas como assim? – perguntou o viajante.

- Minha casa, como você deve ter a sua.

O viajante não sabia o que dizer. Portanto, ao primeiro momento em que o homem se calou, Felipe disse:

- Sente-se. Eu sou um homem de paz, tenho comida e água. Você pode descansar aqui. Não tenho armas ou moedas, tudo que tenho você está vendo, mas posso oferecer boa estada dentro do que posso ofertar.

O viajante não sabia como se comportar. Estava em choque. Felipe, então, lhe disse:

- Não tema, viajante... mas faça o que sentir que deve fazer.

O viajante permaneceu em pé e em silêncio. A voz que falava dentro da cabeça de Felipe novamente foi ouvida por ele:

- Diga algo para ele sobre o que aprendeu.

Felipe ouviu, mas não sabia exatamente o que iria dizer, portanto, permaneceu em silêncio. Diante disso, a voz tornou a ser ouvida pelo ermitão:

- Diga algo sobre a vida...

Felipe, percebendo que a voz não desistiria, pôs-se a falar sobre o tema proposto:

- A vida não está nos animais ou na água, ou na terra, ou nas moedas, ou nas casas, ou até mesmo em nós. A vida é muito mais que tudo isso, que todos nós. A vida está em toda parte e em parte alguma.

Felipe se calou. A voz não tornou a manifestar-se. O viajante, mesmo sem saber por que estava ouvindo aquelas palavras, gostou e interessou-se. Mesmo sem muito jeito, comunicou-se com Felipe:

- Por que me dizes isso? E como sabes disso? Eu não entendo...

Felipe respondeu:

- Apenas lhe digo.

O viajante perguntou:

- Poderias dizer mais?

Felipe respondeu:

- O céu contém vida, mas não é a vida, assim como a água, nós e os animais; assim como as plantas. E a vida é tudo, mas não é nada sozinha. É tudo junto e nada separado.

O viajante gostava do que ouvia, mas estava intrigado, então perguntou:

- Isso é bom, mas como sabes disso?

- Apenas sei. É uma sabedoria.

- Uma sabedoria?

- Sim.

- Mas de onde vem?

- Da vida.

- Da vida? Mas como?

- Apenas assim.

- Eu também posso?

- Sim, se desejar, porque há vida em você. Mas você precisa ser mais de um para estar na vida. Não basta ser somente você.

O viajante ficou meditando naquelas palavras e depois perguntou:

- Você pode me ajudar?

Felipe respondeu:

- Sim, se assim você desejar.

O viajante acenou positivamente e caminhou na direção do ermitão de forma amigável e logo se sentou de frente a Felipe.

O ermitão ficou em silêncio apenas observando o viajante, que não demorou a perguntar:

- O que observas?

- O silêncio – disse o ermitão.

- O silêncio?

- Sim. O seu silêncio.

- Não entendo...

- O silêncio pode ser calmo ou intranquilo. Pode ser feroz como um animal ou dócil como uma criança indefesa. O silêncio, pois, pode falar mais que outras palavras ditas, pois que as palavras podem ser preparadas e construídas de acordo com o que se deseja, mas não o silêncio. O que o silêncio diz habita na verdade de cada um.

O viajante ficou impressionado com aquelas palavras, mas tornou a perguntar:

- E o que o meu silêncio lhe diz?

- Quer você tem vontade de saber e aprender, mas também tem pressa, e isso não é muito bom. A pressa pode atrapalhá-lo no que deseja.

- Como assim?

- Tudo na vida, nesta vida de que lhe falei, tudo nela tem um espaço, um momento certo para acontecer, para ser percebido, para surgir aos sentidos dos homens: mais para uns e menos para outros. Portanto, se não for o momento de algum conhecimento vir a ser seu, apenas não será. E você precisa ter paciência e esperar sua vez chegar. Caso contrário, se tiver pressa, sua ansiedade fará com que aquele conhecimento que poderia vir a você se perca, pois que sua pressa o desviou de seu destino.

O viajante não sabia o que dizer, mas após alguns momentos de silêncio, pensando sobre aquilo que ouviu, ele perguntou:

- Minha pressa pode me atrapalhar em saber?

- Sim, pode.

- É por isso que você vive nesta caverna? Para não ter pressa?

- Vivo aqui porque me sinto bem aqui. E não tenho pressa em descobrir se porventura estiver errado nesta decisão.

O viajante tornou a perguntar:

- Sei do que fala, sei que tenha mesmo pressa. Mas, me diga como fazer para não ter mais pressa?

- Pressa você não deixa de ter durante uma noite e acorda para o dia seguinte sem ela. Primeiro você a controla.

- Como?

- Dizendo a ela o que fazer.

- Como assim?

- Hoje sua pressa ordena e você obedece. Ela o controla com ações e movimentos. Agora aprenda a controlar sua pressa; não faça nada no tempo em que ela lhe pedir, faça quando realmente entender verdadeiramente que seja momento de agir, e não tenha pressa...

- Isso pode ser muito difícil...

- Mas pode ser muito útil...

Diante do silêncio do viajante, Felipe completou o que dizia:

- Antes de pensar em aprender, deve pensar em permitir que a sabedoria siga o curso natural até

você. E, para isso, é preciso não mais ter pressa, aprendendo a controlá-la.

Não demorou nada e o viajante perguntava:

- Mas como?

Felipe sorriu e disse:

- Ficando em silêncio agora, em vez de perguntar como controlar a pressa.

As palavras do ermitão fizeram sentido para o viajante, que ficou em silêncio, mas, por dentro, possuía inúmeras perguntas e curiosidades. Felipe sabia disso e acrescentou:

- Falaremos disso depois, sem pressa. Agora, lhe direi sobre outras coisas.

- Quais coisas?

- O que você quer saber?

- Sobre tanto, mas não sei se posso perguntar e se terá a resposta.

- Se eu não souber, ela poderá vir da vida, por mim ou mesmo por ti.

- Isso que ainda não entendi.

- Estas coisas não são para serem entendidas e sim para serem vividas e sentidas. Você acabará entendendo, algum dia.

O viajante escolheu um tema:

- Por que os homens têm tanta vontade de ganhar moedas e poder, se vários profetas dizem exatamente o contrário o que deveriam fazer?

- Porque o homem é tolo. O homem escuta o que o profeta diz, mas não guarda para si se não lhe agrada, e prefere viver daquilo que realmente lhe move no íntimo.

- Chegará um tempo onde o homem será diferente e seguirá sua vida como os profetas dizem?

- Sim, mas não pense que está próximo ou mais ou menos próximo. Está longe, muito longe e grandes mudanças serão feitas para que este dia chegue.

- Quais mudanças?

- Mudanças no intimo de cada homem, através da fé, e mudanças neste lugar que vivemos. Pois que tudo precisa seguir adiante, mesmo a terra, a água e os animais.

- Não entendo...

- Nada pode ficar parado para que algo independente se mova. Nesta vida tudo está ligado a tudo, portanto, para que algo se mova verdadeiramente para frente, todo o resto precisa igualmente mover-se.

- Como nós? Nós dois?

O viajante perguntou parte em tom de brincadeira, mas Felipe respondeu-lhe com seriedade:

- Sim. Desde o momento em que aumentei nossa ligação, trazendo-lhe para perto, assumo que não irei mover-me para frente caso você não faça igualmente algum progresso, porque agora estamos juntos mais que antes.

- E por que faria isso? Por que comprometeria seu avanço por mim, alguém que não conhece?

- Porque és parte deste todo tanto quanto eu o sou, e isso é o que importa na verdade.

- Não parou para pensar que posso não aprender e não avançar e você também não irá?

- Era o momento de isso acontecer. Você veio até mim porque deveria ser assim. Se não mais me mover não será porque lhe neguei algo que poderia dar. Se assim fizesse, negando-lhe acesso ao que sei, desta forma, sim, estaria parado por um longo

tempo. A melhor maneira, portanto, é ensinar-lhe e tentar voltar ao progresso.

- Quer dizer que já está parado só por eu ter chegado?

- É uma forma de se dizer, mas isso não me deixa triste, ao contrário. Significa que posso ser útil para a vida, como ela está sendo para mim.

Eles guardaram silêncio por um período significativo de tempo. Após esse maior tempo em silêncio, o viajante perguntou:

- O que mais pode me dizer?

Felipe respondeu:

- Sobre o que deseja saber?

- Sobre o que quiseres falar...

- Mas não há em ti um assunto que lhe interesse?

- Sim., há vários. Portanto, digo-lhe que podes me falar sobre quaisquer dessas coisas.

Felipe pensou durante alguns segundos e respondeu:

- Vou lhe falar sobre aquela pedra no chão desta caverna.

A afirmação de Felipe causou surpresa no viajante:

- Pedra? Por que me falaria sobre uma pedra? Não quero saber sobre pedras! Você só diz isso porque eu lhe disse que poderia falar sobre qualquer coisa...

Felipe respondeu:

- Não. Não se trata de uma brincadeira ou escárnio.

Observando a expressão compenetrada de Felipe, o viajante apenas silenciou e ouviu o que o ermitão tinha a lhe dizer:

- Aquela pedra sou eu.

O viajante teve vontade de rir, mas não o fez. No entanto, teve a nítida impressão de que não mais obteria nada de útil daquele morador das cavernas. Porém, Felipe prosseguiu:

- Aquela pedra também é você, assim como os soldados que matam e cobram impostos, os profetas que levam consolo, os animais, e as outras pedras. Aquela pedra contém o que de melhor cada um de nós tem: ela possui a mesma vida que nós

temos. Aquela pedra é tão merecedora da vida quanto nós. Portanto, meu caro viajante, aquela pedra merece o meu respeito, o mesmo que emprego a você. E não se sinta ofendido por isso. Sinta apenas que você é ligado à pedra, pois os dois são partes da mesma vida.

O viajante não conseguia nem mesmo formular uma pergunta simples. O ermitão aguardava pacientemente. Vários minutos se passaram e o viajante permanecia mudo e pensativo, até que disse algo novamente:

- Eu entendo a beleza do que me disse. Entendo que isso é profundo, mas tenho dificuldade em aplicar tudo aquilo a uma mera pedra.

- Porque a pedra para você é apenas uma pedra. Nada mais. Quando vê alguém nas ruas, você vê uma pessoa, alguém como você, e isso é atribuir valor. Quando você vê um animal, entende que vê um animal e também atribui valor, embora diferente do valor que atribui às pessoas. E quando vê uma planta, atribui um valor menor ainda. E quando vê uma pedra, que não se mexe por vontade própria, atribui valor ainda mais distante do que atribui às pessoas, daí a sua dificuldade. Mas saiba que as pedras e as pessoas, assim como as plantas e os animais, possuem, para mim, o mesmo valor, sem qualquer diferença por conta de suas capacidades individuais como homem, planta, animal ou pedra.

O ermitão parou de falar e olhou para o viajante, que ouvia a tudo com seriedade. Felipe voltou a falar:

- O que lhe falta é conseguir olhar para uma pedra e dar o mesmo valor que dá a um homem. E isso é difícil...

O viajante perguntou:

- É difícil por serem muito diferentes, um homem de uma pedra?

- Sim – Felipe respondeu.

O viajante completou:

- Eu sei. O homem tem todas essas capacidades que a pedra não tem. É muito difícil colocar a pedra no mesmo lugar que o homem.

Felipe lhe disse:

- Não, meu caro. É difícil justamente pelo contrário. É difícil colocar o homem no mesmo lugar da pedra.

O viajante ficou intrigado:

- Não entendo. É isso mesmo o que disse? Que a pedra ocupa, em princípio, um lugar maior que o homem?

Felipe respondeu:

- Não agora, que todos têm o mesmo lugar. Mas antes que eu pudesse entender isso, sim. A pedra era mais elevada que o homem.

O viajante permanecia cada vez mais intrigado e perguntou quase em tom de indignação:

- Diga-me o motivo disso...

Felipe respondeu com a calma habitual:

- Uma pedra só o fere se algum homem a atira em você; uma pedra só o fere se você a chuta e machuca o próprio pé; uma pedra só o fere se cair do alto da montanha em cima de você, mas isso só acontece se assim for a vontade dos céus, algo acima da capacidade da pedra. Viajante, uma pedra não quer teu mal, já um homem pode querer. A pedra pode servi-lo, ser-lhe útil. Sem elas não haveria esta caverna onde habito, onde habito para não ver mais outros homens. Não me foi tão difícil entender esta verdade, que uma pedra vale mais que um homem.

Felipe conseguia novamente deixar o viajante sem palavras.

Após alguns minutos em que o viajante apenas pensava sobre tudo o que acabara de ouvir, ele perguntou a Felipe:

- Como sabes de tudo isso?

- Eu sei.

- Eu sei que sabes, mas como sabes?

- Sabendo. Basta buscar e assim irá achar. Como lhe disse antes, você também pode, mas precisa estar calmo para isso.

O viajante lhe fez outra pergunta:

- Acha mesmo que um dia poderei conseguir saber como você?

- Sim. Se não achasse, não lhe diria que pode.

- Mas acha que poderia buscar a sabedoria como você.

- Sim, assim como qualquer outro. Todos podem, mas poucos querem. E dentre os que querem, poucos se esforçam em conseguir. Mas todos podem.

- E por que não conseguem?

- Porque querem tudo muito rápido. Querem que aconteça quando querem. O tempo é do Pai.

O viajante ficou em silêncio novamente e em seguida perguntou:

- Podes me ensinar as coisas todas?

- Posso dizer o que sei.

O viajante perguntou sem hesitar:

- E eu posso escrever?

Felipe perguntou-lhe:

- Quer escrever para que outros saibam?

- Quero escrever para ter registro de todas essas coisas.

Felipe respondeu sem insegurança:

- Escreva o que quiser e faça o que quiser com o que escrever.

O viajante lhe disse:

- Bom. Assim todos saberão.

Felipe respondeu:

- Aquele que quiser saber, não precisará ler. Precisaré apenas buscar e encontrará.

O viajante lhe disse:

- Você é um grande homem. Maior que todos que conheci.

Felipe respondeu:

- Não sou. Sei que não sou. Você se engana, mas entendo o que dizes.

- Não está cansado? – O viajante perguntou.

- Não tenho cansaço, nem fome, nem frio, nem calor, nem sono. Nada tenho. Apenas ouço.

- Então lhe perguntarei sobre o Pai.

- O que queres saber?

- Quem é ele?

- Tudo... e Nada. Está em tudo e não está em nada. O Pai apenas é.

O viajante precisou de muito tempo para pensar sobre o que ouvira. Ficou tanto tempo em silêncio que acabou adormecendo. Quando acordou, Felipe não mais estava na caverna.

O viajante procurou, chamou, mas Felipe já estava longe. Havia se cansado de ficar parado. Queria andar. Virou viajante também.

O ermitão acabou percebendo que poderia levar a mais pessoas o que sabia, ao menos para tentar ensiná-las a alcançar a própria sabedoria.

E assim fez até seu desencarne, quarenta e sete anos depois. Ninguém nunca escreveu o que ele dizia, além do viajante, que conseguiu lembrar-se de tudo de mais relevante dito naquela caverna.

Seus escritos deram o devido crédito ao ermitão da caverna e, como tantos outros, acabaram em depósitos lacrados da autoridade religiosa mais influente da época, e seu fim já é conhecido dos leitores.

O Mensageiro

Era noite, já muito tarde. As pessoas que se locomoviam no meio da mata, entre as árvores, cobertas com suas túnicas maltrapilhas, tinham um objetivo em comum: ouvir um único homem.

Um homem que era capaz de levar esclarecimentos sobre assuntos que eram tabus, proibidos ou inexplorados por falta de fé, conhecimento ou razão suficiente. Um homem que poderia levar paz e consolação aos mais diversos corações que a ele procuravam.

Mas naquela época do mundo tudo era muito proibido e restrito. Homens como aquele eram perseguidos, presos, torturados e mortos. Portanto, era preciso esconder-se na mata e na calada da noite para que os soldados de Roma não fossem amplamente capazes de localizá-los. E mesmo com todo disfarce e precaução, ainda assim o perigo Romano era grande e bastante presente.

Aquele homem levava mensagens ao povo que o ouvia, ao povo que tinha coragem de ouvi-lo. Aquele homem respeitava Jesus, não como alguém que veio ao mundo e deu sua vida por uma causa e pelo povo. Aquele homem ia muito além disso - do respeito profundo pela atitude de Jesus -, ele o respeitava pela sua condição de ser superior a tudo o que se movia e existia na Terra, pois como ele mesmo dizia, ele sabia que Jesus era alguém de alta

envergadura moral e intelectual e que não precisava passar por nada do que passou e, se passou, isso somente demonstrava a grandeza daquele ser.

Entre poucas velas, para não chamar atenção demais, o homem, sentado ao chão junto aos demais que o ouviam, com sua humildade e carisma, começava a falar aos pouco mais de dez valentes que se dispuseram a estar na madrugada infringindo a então atual leis dos homens, somente para ouvir o que tinha a dizer. E ele assim falava:

- Jesus é alguém que está acima de qualquer um de nós por sua grandeza e dedicação. Jesus é um ser que não pode ser medido ou ter um nome ligado a seu nome... Não podemos dizer o que ou quem é Jesus, pois ele único e inalcançável, neste momento, por qualquer um nesta terra.

Alguém que o ouvia, perguntou:

- Até mesmo pelo imperador?

Ele, com brandura e respeito pela pergunta, respondeu:

- O imperador veste a lei dos homens para cumprir o que lhe cabe. Foi dado a ele o respeito da ordem conferida pelos homens. E assim ele a cumpre, estando sujeito a novas leis e a novos homens. Jesus, por sua vez, se veste da vida que há em todos, cumprindo o que lhe determina o Pai,

que é pai de todos, como dele também. Desta forma, Jesus é inalcançável para todos, pois que ninguém é capaz de ser o que ele é, nos dias em que vivemos. Outros homens podem ser imperadores, mas nenhum pode ser Jesus.

Fez uma breve pausa para que os ouvintes pudessem ter segundos de absorção da mensagem e, em seguida, concluiu:

- Mas não podemos faltar com o devido respeito ao imperador, para com as leis dos homens e para com todas as nossas tarefas como homens do povo e da paz.

Outra pessoa indagou-lhe:

- Jesus nos disse que devemos dar a César o que lhe for justo e dar a Deus o que for coisa de Deus. Existe algo mais a ser dito ou isso é tudo o que se poderia dizer sobre os impostos?

O homem sorriu e com extrema doçura respondeu:

- Não posso adicionar nada ao que Jesus disse. Não possuo condições para isso. Apenas digo que tudo o que foi dito por Jesus possui mais de uma coisa explicada. Jesus não falou apenas dos impostos. Ele sempre falava de algo mais. E sobre isso que disse, podemos levar para qualquer coisa de nossas vidas, e Jesus continuará nos ajudando.

Com calma e brandura, o homem fez silêncio, sorriu e, sem seguida, prosseguiu:

- Quem de nós pode-se dizer próximo a Jesus? Há alguém entre os homens que pode dizer isso? Há alguém que pense assim?

Ninguém disse nada. O homem insistiu:

- Não estou julgando. Quem tiver pensamentos assim que os possa expor.

Com a oportunidade aberta, um dos ouvintes se levantou e disse:

- Sei que ninguém pode ser como Jesus, pois que ele é único. Mas existem outros que podem ser tão profetas quanto ele, mas que não tiveram o fim que ele teve.

O homem perguntou:

- Mas então você acha que a grandeza de Jesus está no fim que teve? Que se não fosse crucificado, não fosse perseguido, preso e açoitado, não seria hoje quem é? Que outros, apenas pelo fato de nada terem sofrido como ele, poderiam estar no mesmo patamar?

A pessoa respondeu:

- Não sei. Mas sei que existem profetas que fazem coisas de espantar. Não seriam eles como Jesus?

O homem respondeu:

- Coisas de se espantar são mais fáceis que coisas que toquem o coração dos homens. O que pensas sobre isso?

A pessoa respondeu:

- Mas coisas de se espantar não são difíceis de serem feitas?

O homem, com calma e sorriso, respondeu:

- Tu o dizes. Eu, por outro lado, acho que impressionar as vistas é mais fácil que impressionar o coração. E sendo assim, até hoje apenas Jesus conseguiu tal feito.

A pessoa se expressou:

- Não sou contra Jesus, apenas quero entender melhor tudo isso que se passou e ainda se passa por aqui.

O homem esclareceu:

- Eu sei, boa criatura, que existe um bom tesouro em seu coração. É preciso que saibamos

que Jesus fez de tudo para nos salvar, ensinar e mostrar o caminho justo e correto. Mas cabe a nós, e apenas a nós, caminhar por ele. A escolha é de cada um.

Após essa fala do homem, as pessoas mantiveram silêncio durante um tempo, o suficiente para que ele voltasse a se pronunciar:

- Quero perguntar algo a vocês...

As pessoas fizeram expressão de consentimento e curiosidade ao mesmo tempo. Com o silêncio dos ouvintes, o homem disse:

- O que vocês acreditam que se passa no céu?

Ninguém respondeu nada. O homem insistiu:

- Sei que vocês devem possuir ideias do que se passa no céu, do que é o céu. Desejo saber isso. O que vocês pensam sobre o céu. Por favor.

Durante um período, as pessoas mantiveram silêncio, com receio de se exporem e de exporem suas ideias e, durante esse tempo, o homem também guardou silêncio. Mas logo alguém disse:

- No céu existe o Pai, Jesus e os profetas da antiguidade.

O homem respondeu:

- Você me diz quem achas que está no céu, mas me diga o que achas que se passa no céu.

- Como? O que se passa, como? – a pessoa perguntou.

O homem respondeu:

- Existem mais pessoas? Existe vida como aqui? O que há?

Outra pessoa disse:

- Existe a terra prometida.

O homem falou:

- Um lugar, pessoas. E como tudo funciona?

Alguém disse, em tom de pergunta, demonstrando insegurança no que dizia:

- Funciona como aqui?

O homem voltou a pergunta:

- O que achas, boa criatura?

- Não sei – foi a resposta.

O homem aguardou mais um pouco e como ninguém mais tentou dizer nada, ele se pronunciou:

- No céu se passa a mesma vida que aqui, mas se passa com um amor que aqui não existe; se passa com um carinho e devoção que aqui não existe; se passa com respeito que aqui não temos. A vida no céu transcorre com uma igualdade que aqui não temos. E mesmo com as coisas que aqui temos, lá acontece de forma muito melhor e mais bela, e mais perfeita, mais sutil e eficaz.

Alguém aproveitou uma pequena pausa na fala e perguntou:

- E por que é assim?

O homem respondeu:

- Porque lá vivemos. Aqui sofremos.

A mesma pessoa voltou a perguntar:

- Não entendo...

O homem esclareceu:

- Aqui o que chamamos de amor não passa de uma tentativa pobre e fracassada de simular o verdadeiro amor. O que entendemos por carinho, devoção e respeito, não passam de arremedos frágeis do que no céu existe de verdade. O que chamamos de igualdade aqui nada mais é que uma chacota de péssimo humor, comparada ao que existe verdadeiramente no céu. E tudo o que

sabemos aqui e vemos aqui, nada são que tentativas de copiar o que de mais belo e puro existe no céu. Porque lá está o bem e o puro. Até mesmo uma pedra do céu contém o belo e o puro, porque estão diretamente ligadas ao Pai. Aqui somos ligados ao Pai de forma incompleta e imperfeita. É como se estivéssemos dentro de paredes, paredes e paredes... e o Pai estivesse do lado de fora, nos ouvindo. Estamos ligados, mas com dificuldades. Quem está do lado de fora está muito melhor ligado ao Pai que aquele que está dentro das paredes. Por isso digo que lá vivemos, aqui sofremos.

Alguém perguntou:

- Aqui estamos dentro de paredes, como presos do império?

O homem respondeu:

- Sim, meu amigo. É mesmo assim Você entendeu.

Outra pessoa perguntou:

- Eu não entendi. Como podemos ser presos? Como pode aqui ser uma prisão? Não somos livres para ir onde queremos?

Uma pessoa que também estava ouvindo respondeu:

- Como podes dizer que somos livres? Não estás aqui escondido, assim como nós também? Não temos de obedecer ao Império? Como chamas isso de liberdade?

A pessoa que fez a pergunta retrucou:

- Meu bom homem, entendo o que tu dizes. Mas este homem fala de coisas fora do Império. O Império nos castiga, se nos acha aqui. No entanto, somos livres para escolher e aqui estamos. É isso que digo. Se temos essa liberdade, como podemos ser prisioneiros aqui?

Como ninguém mais se manifestou, o homem respondeu:

- Temos liberdade para fazer coisas dentro daquilo que podemos.

A expressão de todos foi de não ter entendido. O homem melhorou a explicação:

- Pensem que existam dez coisas que podem fazer, mas que vocês não sabem. O Império lhe permite fazer duas, e das outras oito, sabemos apenas que podemos fazer três; para essas, somos livres para fazer ou não e no momento em que desejarmos. Mas as outras cinco coisas simplesmente desconhecemos.

O homem fez uma pausa e concluiu:

- E essas cinco outras coisas somente no céu é possível descobrir.

Alguém perguntou prontamente:

- Então existe muito mais do que sabemos?

O homem respondeu sorrindo:

- Sim, existe.

Outra pessoa perguntou:

- E como podemos saber dessas coisas?

O homem, ainda sorrindo e com calma, disse:

- Não podemos. Apenas no céu saberemos o que podemos fazer de verdade.

Houve um silêncio, onde todos que ouviram a mensagem e efetivamente a entenderam, pensavam. Mas, em seguida, alguém perguntou novamente:

- Não há mesmo nada que possamos fazer para saber?

Com extrema tranquilidade o homem respondeu:

- Não. Apenas no céu saberemos o que podemos fazer de verdade.

Alguém perguntou:

- Nada do que fazemos aqui é de verdade?

- De alguma maneira, realmente não é, pois a verdade está somente no céu – o homem respondeu.

Outra pergunta surgiu:

- Como pode não ser verdade? Estamos aqui e se o Império nos descobre, sofreremos de verdade...

Mas o homem, sem perder a calma, respondeu:

- Vai parecer que é de verdade, mas não será. Como nada disso aqui também não é. A verdade, a vida de verdade, somente é possível no céu.

Alguém perguntou:

- Jesus sabia disso?

O homem lhe respondeu:

- Jesus sabe disso. Pois agora ele é mais vivo que o era quando o conhecemos.

A mesma pessoa perguntou novamente:

- Como Jesus está vivo?

O homem respondeu:

- Está vivo como nós, mas ainda mais vivo porque não está preso nas mentiras que estamos, em que vivemos.

Outra pessoa perguntou:

- Ainda não entendo... como pode Jesus estar vivo? Não foi visto em uma das cruzes?

O homem respondeu:

- Seu corpo foi.

- Como assim? Ainda não entendo.

O homem explicou:

- Assim como nós, Jesus é muito maior que o corpo, pois tem em si o que é maior e mais poderoso que qualquer império, que é o Pai, que é eterno. Quando o corpo se vai, o que está dentro permanece, a vida verdadeira, o Pai em verdade e de forma absoluta.

Outra pessoa perguntou em seguida:

- O senhor disse “assim como nós” para falar de Jesus. O que quer dizer com isso? Que somos como Jesus?

O homem respondeu:

- Não sou eu quem diz, eu apenas repito. Jesus mesmo disse isso quando nos disse “Vós sois deuses”.

- Mas somos iguais a ele?

O homem explicou melhor:

- Somos capazes de ser. Temos o mesmo Pai em nós, mas não sabemos nos entender com o Pai, somos desobedientes e teimosos. Mas quando soubermos entender o que o Pai deseja de nós e do mundo, poderemos, sim, ser iguais a Jesus.

Houve um grande silêncio, mas em seguida outra pessoa perguntou:

- Se Jesus está vivo, por que não vem até aqui?

O homem observou o pequeno público arregalar os olhos e o encarar com avidez aguardando uma resposta. Ele disse:

- Jesus está aqui.

As pessoas ficaram assustadas e olhavam para os lados tentando encontrar o mestre, mas não o percebiam com seus olhos físicos. Após alguns instantes de procura, ao não localizarem Jesus, a mesma pessoa perguntou:

- Onde ele está? Por que não o vemos?

O homem respondeu:

- Por que procuram no lugar errado. Olham para fora de si mesmos, quando, na verdade, Jesus está dentro do coração de cada um de nós e nos acompanha em todos os lugares aonde vamos.

Todos ficaram em silêncio e o homem completou:

- É possível sentir Jesus, ouvir Jesus através da oração, do respeito pelo próximo, do carinho com nossas crianças e famílias, do amor pela vida e pelo Pai. É possível falar com Jesus através da língua dos anjos, que não precisa de boca para ser dita, apenas de se ter puro o coração.

Após dizer estas palavras, o homem levantou-se, sorriu e retirou-se. As pessoas, aos poucos, também foram embora.

Durante muito tempo aquele homem foi um mensageiro solícito e prestativo da espiritualidade, levando consolo e conhecimento para quem se dispunha a ouvi-lo.

Dessas pessoas, algumas contavam histórias para outras, que espalhavam a notícia. E, com isso, muita coisa sobre ele acabou sendo escrita, mesmo que não soubesse. Então, alguns conjuntos de

escritos sobre sua vida, suas histórias e conhecimentos acabaram nas mãos de povos nômades, que transmitiram o que puderam, até serem privados destes conjuntos de livros e de tantos outros que com eles também estavam.

Até que um dia, um pouco de tudo isso se foi. Mas, através da Graça Celestial, tudo é possível de ser refeito.

O Homem que Sabia

Ele caminhava pensativo pelas margens do rio. Estava calmo e contemplativo. Era um homem, segundo alguns, de se admirar; para outros, nem tanto. Mas, certamente, era um homem que provocava fortes e diversas emoções e sentimentos nas pessoas que gastavam algum tempo a ouvi-lo ou tentando entender o que dizia.

Naquela época, enquanto o messias ainda não havia se revelado, apesar de já estar entre os encarnados, um dos principais interesses do povo, para não dizer, distração, era tentar descobrir quem seria o messias, de onde viria e como se comportaria.

Certa vez, alguém se aproximou dele e disse em tom firme de voz:

- Tu és o messias. Eu sei.

Ele respondeu com o mesmo tom firme na voz:

- Tu dizes isso.

O homem, que não esperava essa resposta, retrucou:

- Não se achas o messias? Como pode o messias dizer algo assim?

Ele apenas disse:

- Tu o dizes.

O homem ficava impaciente com aquelas respostas e logo declarou:

- O messias não falaria desta maneira, teria certeza. Tu não és o messias!

Ele respondeu:

- Tu o dizes.

Mas o homem não se conformava com as respostas evasivas e se encolerizava:

- Não é possível ser assim. Você não fornece uma única resposta que agrade.

Ele respondeu, com um tom de voz um pouco mais elevado:

- Não tenho de agradar a você, homem que não conheço. Se não gosta das minhas respostas, não me faça mais perguntas.

Mas o homem insistiu:

- Está claro que não és o messias. Ele não falaria assim! Não te envergonhas de acharem que és o messias e, logo em seguida, quando abres tua boca

para dizer algo, isto logo caia ao chão? Não te envergonhas disso?

Ele perdeu a pouca paciência que ainda guardava em si:

- Se eu sou o messias ou não, não cabe a você dizer ou achar nada. Se farei o que farei, não é porque sou o messias, é porque não me acomodo com esta situação, ao contrário da maior parte do povo, que vive se escondendo e com medo. Eu farei o que está em mim e farei por achar que devo, não por ser o messias. Você acha que eu sei se sou o messias? Você acha que ser o messias vai ser fácil? Que alguém vai chegar aqui e resolver todos os problemas porque é o messias? Que vai dizer algumas palavras bonitas e o império vai ceder? É isso mesmo que acha, que pensa? Porque se acha mesmo isso, está enganado. Está se enganando. Está criando uma imagem do messias que não existe, apenas para você. O messias, seja quem for, e pode mesmo ser eu, terá de lutar e afrontar e enfrentar. Não apenas ficar falando coisas bonitas. Terá de usar o punho e a espada.

Apesar de atônito, o homem conseguiu formular uma pergunta:

- Se diz que pode ser o messias, como pode não ter certeza disso?

Ele respondeu:

- Não tenho certeza disso. Não tenho certeza de nada. Ser o messias não me importa, pois a única coisa que sei é o que está dentro de mim, na minha cabeça e no meu coração. Muitos dizem que sou o messias, mas eu não consigo ter certeza disso. Acho que o messias não virá sabendo quem é. Terá de descobrir pelo meio do caminho. Disso sei. Então não posso lhe dizer se sou eu ou se é outro. Ainda não sei.

- E pode ser outro?

- A verdade é que ainda não reconheci em ninguém nada que possa estar perto de ser um messias.

- E como seria ser o messias?

- Primeiro, ele não ficaria preocupado em saber quem é o messias, porque isso simplesmente não o incomodaria os dias. Segundo, seria inconformado com tudo isso e lideraria o povo. Seria um líder.

O homem apenas afirmou:

- Você é todas essas coisas.

E ele respondeu:

- Mas não sei se sou o messias. Mas isto não me afetará no que tenho de fazer, no que quero e vou

fazer. Sendo o messias ou não, farei o que tenho em mim. Cumprirei com minha convicção.

O homem pensou e depois respondeu:

- Bem-aventurado és tu que não sabes se és o messias e mesmo assim desejas mudar a situação para o povo. Tu és alguém grande. Tu é um grande homem.

E ele apenas respondeu, para um sorriso de seu interlocutor:

- Tu o dizes.

Outra vez, envolto em contemplação da natureza, durante a noite, observando o céu, o balançar dos ramos das árvores e o som que emitiam, o barulho dos animais e das águas dos riachos, aquele homem, em silêncio, solitariamente, fechou seus olhos e fez uma prece com extrema profundidade e emoção, pois seus olhos enchiam-se de lágrimas conforme se adiantava nas palavras:

- Tu, que és o Maior entre os maiores, Tu, que nos dá vida e força, Tu, que és a vida e a força somadas, dai-me a misericórdia de estar junto ao menor dedo de Teu pé. Dai-me a paz de sentir o Teu pior hálito, do Teu pior dia. Dai-me a leveza de penetrar um momento em Tua beleza e sentir a Tua sabedoria, mesmo que seja apenas por um momento menor que o piscar dos olhos. Dai-me a

Tua lama, a Tua pobreza, o Teu lodaçal, pois que todas estas coisas são melhores e muito melhores do que todas as mais ricas e belas coisas que temos nesta vida e neste mundo. A mais bela terra nada é comparada a Tua lama. Pois a tua lama vem de ti e essa terra está contaminada pelo orgulho desses que de ti falam, sem saber bem do que falam... faz-me, ó Maior, um dos Teus menores, um dos mais pequenos e nulos homens, mas que assim serei grande em alegria e esperança, em felicidade e clareza... aqui, nada temos. Nada somos. O que somos não vale, pois sofremos por querer o que o outro tem... eu sei bem... eu sei... que sou cruel e desleal, mas assumo e quero não mais ser... quero ser a ponta da unha de Seu menor dedo do pé. Pois assim serei parte de ti...

Ele parou por alguns instantes e já tinha os olhos repletos de lágrimas. Pensou alto:

- Será que posso ser parte de ti? Será que já não sou? Será que não somos todos parte Dele? Alguma parte?

Continuou na prece, quase soluçando de tanto chorar:

- Faz-me um favor, ó Maior, se fores bom a Ti me falar... Somos Ti? Somos Ti? Alivia minha dor, eu que nada sou, mas desejo ser algo... Somos nós, todos aqui neste mundo de guerras, lutas e adúlteros, somos todos nós, adúlteros e depravados,

parte de Ti? E será que podemos, algum dia, ter mais de Ti em nós?

Neste momento, o homem parou de dizer a prece, pois não conseguia mais dizer nada. A emoção dele, ao se aproximar de alguma resposta, fez com que chorasse durante vários minutos. Mas enquanto chorava, continuava pensando. E enquanto pensava, acalmava-se de forma gradual, de sorte que, mesmo ainda chorando, conseguiu voltar a falar e continuou a prece:

- Ó Maior... peço perdão... peço perdão pelo abuso de Lhe perguntar... peço perdão, mas peço-Te, se possível, responder-me ao menos em parte... Somos nós, mesmo adúlteros e depravados, parte de Ti? Porque se assim for... porque se assim for – tentava dizer, mas a emoção não permitia.

Acalmou-se novamente e continuou:

- Porque se for assim... nada mais maravilhoso... que maná seria se fôssemos a sujeira da ponta da unha do Teu menor dedo do pé... que maravilha seria...

Ele voltou a chorar como criança, soluçando. Não conseguia prosseguir. A iminência daquela possibilidade era demais para aquele homem, apenas pelo fato de ter ele a consciência do que aquilo significava. Ele tinha um vago entendimento de Deus; e apenas isso, bem compreendido, já era o

suficiente para deixá-lo entre os mais esclarecidos de sua época. Ele era inteligente, temente e tinha fé como outros não possuíam. Outros que ocupavam posições de destaque na religião. Após muitos minutos chorando, mesmo com lágrimas nos olhos, o homem continuou a prece:

- Eu não quero ser mal. Eu quero ser em Tti. Eu não quero ser bom, eu quero ser em Ti. Porque sei, eu sei... que ser em Ti é melhor que ser aqui, neste mundo de abismo, dor e caça aos homens de menor posses, pelos próprios homens, mas de maior posse... eu sei que posso ser em Ti, mas isso ainda está... eu sei... muito além do que posso hoje... mas sei, ó Maior, que um dia poderei ser... mas quando?... como? Quanto tempo se tem de viver para conseguir isso?

Neste momento ele parou de chorar e iniciou um raciocínio fora da prece:

- Mas como isso seria possível? E aqueles que morrem na tenra idade? E as crianças que morrem sem ter saído do colo de suas mães? Como isso seria possível? Como é possível chegar ao ponto de ser através do Maior, se esses morrem antes de conseguir tentar? Será que somente aqueles que conseguem sobreviver anos podem ter a chance de ser? E os outros? Não seria justo... deve ter algo a mais... algo a mais que isso...

Parou alguns momentos, olhou o céu, raciocinou em silêncio durante um tempo e depois continuou o pensamento em voz alta, como se falando consigo mesmo:

- Posso ser justo comigo mesmo? Posso ser honesto como não costumo ser e acho que talvez nunca tenha sido? Posso viver mais mil anos e não conseguirei ser através de Ti. Não conseguirei ser em Ti. Então me responda, como é possível? Se sei, e já sei, que podemos ser em Ti, mas que ainda não somos, como fazemos para chegar se mil anos não são suficientes? O que ainda não sei? E não me diga, se me permitir a fala ousada, que não é possível ser, pois Tu já me disseste hoje, em meu coração, que é possível ser. Se for possível me dizer, diga-me; se não for, me perdoe, mas guarda esta resposta para quando for possível.

O homem agradeceu em silêncio, reverenciou o céu e decidiu dormir ali mesmo, sob o firmamento. Apenas deitou-se no chão e adormeceu profundamente e de forma imediata.

Aquele homem não era apenas mais um naquela multidão. Ele tinha um passado reencarnatório que lhe garantia uma posição de maior responsabilidade. Era ainda, é certo, embrutecido. Muito embora seu direcionamento moral fosse bom, ainda havia resquícios de traços pretéritos compondo aquela, então atual, personalidade.

Ele era alguém com um propósito naquela vida, além de melhorar a si mesmo. Havia algo a ser feito pela coletividade, mas ele ainda não havia descoberto nada sobre isso. Mas sabia, pois algo dentro dele lhe dizia, que precisa avançar sobre seus defeitos, corrigir suas falhas, para então, atuar em benefício de muitos. Ele sabia, mesmo sem saber de onde advinha aquela sabedoria.

Certa vez, caminhava com um grupo de amigos. Eles conversavam sobre assuntos diversos, mas os tópicos da conversa acabaram por assumir outro rumo. Dois amigos conversavam enquanto ele ouvia com atenção:

- Não sei o motivo, mas devo ser alguém que veio para cá para realizar...

Devido à vaga afirmação, o outro amigo perguntou, enquanto o homem continuava apenas ouvindo:

- Realizar? Mas realizar o quê? O que pensas em fazer? Ou o que achas que farás ou que és destinado a fazer?

O primeiro respondeu:

- Realizar, realizar... tenho coisas a fazer aqui. Não sei bem ao certo.

Enquanto o outro amigo que conversava diretamente com ele apenas ria, o homem se incluiu na conversa com a seguinte afirmação:

- Eu sei disso. Bem-aventurado, amigo, farás realmente.

Os outros dois amigos ficaram surpresos com tamanha certeza na voz daquele homem, tanto que o segundo parou de rir e perguntou:

- Diga-nos, homem, como podes ter tanta certeza se não nos disse nem o que ele irá fazer?

O homem respondeu:

- Não preciso dizer o que irá fazer. Isso ele precisa descobrir sozinho... e vai. Mas já sei que há muito para que faça.

O amigo de quem falavam, pronunciou-se:

- Mas como tu sabes disso?

Com simplicidade, ele respondeu:

- Eu apenas sei.

- Mas como?

- Isso eu ainda não sei.

O amigo insistiu:

- Mas esforça-te agora e tente saber um pouco mais sobre como será o que farei. Não precisas dizer ao certo, pois como disse, tenho de descobrir sozinho meu caminho, mas posso saber algo a mais.

O homem pensou um pouco e respondeu:

- Deixe-me pensar sozinho um pouco.

Assim ele diminuiu o ritmo das passadas, ficando para trás do grupo por alguns minutos. Ficou andando em silêncio, olhando para a natureza e pensando na questão. Depois retornou ao grupo e disse ao amigo:

- Tu servirás a Deus. Ele irá te usar diretamente.

O amigo chegou ao ponto de se assustar com a afirmativa:

- Diretamente a Deus? Como pode ser isso? Ele virá falar comigo?

O homem respondeu:

- Não ele. Mas alguém virá e te elegerá para auxílio.

O amigo queria mais informações:

- Mas como será isso? Quem virá? Como virá?
Quando virá? Eu o conheço? Está agora entre nós?

O homem lhe respondeu:

- Isso é tudo que sei.

O amigo insistiu:

- Esforça-te agora e tenta mais um pouco... tenta saber mais um pouco.

Mas o homem respondeu:

- Não há mais o que ser dito. O restante cabe a ti saber.

O amigo ficou em silêncio, pensando sobre as informações que havia recebido, mas, em seguida, perguntou ao homem:

- Como sabes dessas coisas?

O homem respondeu:

- Eu apenas sei.

O outro amigo, que a tudo ouvia, afirmou a ele:

- É por isso que dizem que tu és o messias.

O homem olhou sério para ele e perguntou:

- E tu o que achas? Eu sou o messias para ti?

Aquela pergunta continha muito mais do que conteúdo do que aparentava ter. Uma profundidade que nem mesmo o homem que a proferiu poderia revelar. Continha um questionamento sério e válido, uma dúvida e um sentimento. O amigo, que percebeu a seriedade do questionamento, respondeu com a maior sinceridade que poderia expressar naquele momento:

- Não creio que sejas o messias.

O homem silenciou por breves momentos, mas respondeu no mesmo tom, sem mostrar qualquer sentimento derivativo da resposta de seu companheiro:

- E por que achas isso?

O amigo respondeu:

- Tu és valoroso. Mas o messias é muito maior, será muito maior que todos nós. Tu és grande, mas o messias será algo que não poderemos saber ao certo, não poderemos dizer que o messias é isso ou outra coisa, porque o messias será apenas e não poderá ser dito o que ele é. Ao contrário de ti, que é grande e valoroso. Não poderemos dizer isso do messias, porque o messias será apenas o messias e isso bastará para aqueles que nele creiam, sem precisar que digam que ele é grande ou outra coisa.

O homem sorriu e respondeu:

- Sábias palavras... bem sábias palavras. E feliz és tu que tem essa certeza, porque se eu mesmo tivesse essa certeza seria também feliz como tu és.

O amigo perguntou curioso:

- Não tens essa certeza?

Ele respondeu:

- Não... gostaria de ter...

O outro amigo perguntou:

- Mas como pode ter tanta certeza sobre outros e não ter certeza sobre ti mesmo?

Ele disse:

- Assim como sei sobre ti coisas que não sabes, tu sabes de mim aquilo que não sei. E nisto está a sabedoria de Deus. Devemos descobrir nossas próprias coisas, porque assim teremos valor, ao contrário de quando os outros vêm nos dizer as coisas sobre nós e não escutamos e acabamos por seguir em caminhos que nos levam para os abismos.

O homem estava certo sobre seu amigo. Anos depois outro homem surgiu com uma ideia de levar

palavras de apoio a quem precisasse ao redor do mundo. E lá se foi o amigo a servir de instrumento para a espiritualidade superior.

Apesar de tantas dúvidas sobre si mesmo, aquele homem tinha muito mais certezas e vivia a falar delas, inicialmente apenas para seus amigos. Em outra oportunidade, quando estavam todos reunidos à noite, o homem estava quieto, mas alguém lhe perguntou:

- Quando um homem inicia verdadeiramente sua vida aqui neste mundo? Quando do casamento?

A pergunta, que para todos os outros parecia ter uma conotação mundana, tomou outros ares com a resposta. Calmamente o homem disse:

- Quando entende que Deus é maior e precisa viver para Ele.

Todos se calaram e aquele que antes perguntou continuou a indagar:

- E como entende e como se vive para Ele?

Ainda calmo, ele respondeu:

- Entende quando percebe que existe uma necessidade dentro do próprio homem de viver para algo maior que tudo isso que existe aqui. E vive

para Deus quando passa a mover suas ações para esses novos propósitos e não para os antigos.

Outro perguntou:

- E o que precisa para isso?

Ele respondeu:

- É preciso ser purificado. Deixar de ser quem é e passar a ser outro, fazendo uma passagem.

- Passagem?

- Sim, passagem. Da vida mundana, atual, para a vida maior, para Deus.

- E como?

- Sendo purificado diretamente por Deus.

Todos queriam saber como e alguém perguntou exatamente isso:

- E como Deus pode purificar-nos? Ele vem até nós?

O homem respondeu:

- Não, de forma alguma. Não da maneira como imaginas. Deus vem, mas através do próprio

homem, em sua intenção de tê-lo morando em seu coração.

Outro perguntou:

- Mas como se purifica?

O homem respondeu com sinceridade:

- Como, ainda não sei...

- Não sabe?

Ele respondeu:

- Não sei, mas o que sei é que precisamos mesmo fazer essa passagem, essa purificação, porque viver como vivemos não está certo.

Alguém levantou uma questão sobre o tema discutido:

- Então, se não sabe como se purifica, quer dizer que ainda também não se purificou?

Ele continuou calmo e respondendo as perguntas:

- Sim, é verdade. Mas já entendi a necessidade de mudar, de ser outro, e isso já me trouxe coisas boas.

- Como assim?

- Já entendo que é preciso dividir com vocês o que sei, não bastando apenas que eu saiba.

Alguém perguntou:

- E como soube?

Ele respondeu:

- Apenas sei... Deus me mostrou o caminho... eu apenas fui, eu apenas o segui com meu coração transbordante Dele...

Outro indagou:

- E todos podemos também ser assim?

Ele disse:

- Sim. É um dever do homem querer Deus. Em algum momento nesta vida suja, o homem precisa acordar para Deus e O querer em sua vida, mudando tudo o que faz e pensa, para melhor. Mas isso precisa ser de verdade, e não apenas por palavras.

- E como se faz isso?

- Não se faz... se sabe...

- E como se sabe?

O homem olhou para o céu e respondeu ainda com sua atenção no firmamento:

- Deus sempre fala com cada homem, mas não ouvimos. No dia em que ouvirmos Sua voz em nosso coração, saberemos... nesse dia, saberemos de verdade e não teremos mais dúvidas de nada.

Assim não houve mais perguntas naquele dia e o homem voltou a ficar em silêncio pelo restante da noite.

Aquele homem era simples, mas de palavras portadoras de profundo significado. Durante alguns anos de sua vida, dedicou-se quase que diariamente a meditações e pensamentos sobre os matizes espirituais durante a noite e mesmo durante os dias. No entanto, dedicava-se mais durante a noite, quando estava só e os ambientes eram mais calmos.

Sem saber, conseguia conexões com sabedorias contidas no inconsciente coletivo e, muitas vezes, conexões com energias ainda mais elevadas. Ele poderia ter acesso a informações e não saber como transmiti-las, ou mesmo o que significavam em extensão.

Depois de todos aqueles anos, pode-se dizer, de absorção de conhecimento e captação de sabedoria, ele iniciou uma peregrinação levando para aqueles

que o ouviam um pouco de tudo o que aprendera. Abandonou sua família, pais e irmãos, e foi andar pelo mundo espalhando o conhecimento que obtivera deste contato com energias elevadas. E nessas caminhadas, novamente o tema “messias” era levantado. Todavia, Jesus já estava igualmente caminhando sobre a Terra e espalhando seus ensinamentos, porém ainda não era tido como o messias por todos, pois que ainda estava no início de sua jornada.

Desta forma, alguém que o ouvia indagou-lhe, entre um tema e outro:

- Dizem muitos aqui que tu és o messias e não aquele de nome Jesus, como outros tantos falam. E tu o que dizes? És o messias ou Jesus que é o messias?

O homem devolveu a pergunta:

- O que tu me dizes sobre isso? Sou eu ou Jesus o messias?

O homem não se incomodou e respondeu rapidamente:

- Eu não sei, por isso lhe pergunto.

O homem, sem insistir com aquele que lhe perguntara, voltou-se a todos com o mesmo questionamento:

- E vocês todos, o que dizem? Sou eu ou Jesus o Messias?

A maioria ficou tímida e sem resposta, mas alguns poucos disseram que era Jesus, mas daqueles que expuseram suas opiniões, a maior parte disse que ele era o messias. O homem olhou bem e respondeu a todos:

- Não sou o messias.

Aquele que fez a primeira pergunta se manifestou com uma conclusão:

- Então Jesus é o messias!

O homem respondeu:

- Não sei.

- Mas você disse isso...

- Não disse. Eu disse que eu não sou o messias. Se o messias é Jesus, eu não sei. Não o conheço, não posso dizer nada e não tenho certeza disso, mas não digo que seja ou não seja.

Enquanto todos ficavam surpresos com a afirmativa, porque foi a primeira vez que ele admitiu publicamente sua condição, e muitos acreditavam verdadeiramente que ele era o messias,

outro homem que estava em silêncio até aquele momento, perguntou com clareza:

- Por que dizes que não és o messias?

O homem respondeu com a mesma clareza:

- Eu sei que o messias já está entre nós e sei que não sou eu, porque ele deve possuir verdades em si que eu não possuo.

Outra pergunta surgiu do povo:

- E como sabe que o messias já está entre nós?

- Porque sei... me foi dito.

Nova pergunta surgiu:

- E que verdades são essas que não possuis e como sabes disso?

Ele respondeu:

- O messias deve ter a calma e a sabedoria de um rei. Eu tenho a raiva e a impaciência de um escravo, e a sabedoria de uma pedra.

Aqueles que o ouviam se admiraram com a afirmação. Alguém perguntou:

- Como podes dizer que possuis a sabedoria de uma pedra se nos contas todas estas coisas?

Ele respondeu:

- Vocês me consideram mais do que sou. O messias tem uma sabedoria que não conhecemos aqui. Ele vem para nos ensinar. Eu não tenho essa sabedoria porque apenas sei sobre as coisas daqui.

- Mas nos diz várias coisas...

- Mas todas que estão ligadas às coisas daqui. O mesmo que uma pedra sabe.

Estava ficando tarde e ele já iria terminar, foi quando alguém que percebeu que o final da reunião estava próximo resolveu perguntar:

- Diga-nos, o que tem de maior sabedoria a nos passar?

Ele pensou um pouco e respondeu:

- Para o homem, somente Deus basta. Não a sabedoria, mas o que sente por Ele e sente Dele.

Após a resposta, o povo foi se retirando pouco a pouco e ele igualmente se afastou para meditar durante a noite.

Naquela mesma noite, um homem, que estava entre o povo que o ouvira durante a tarde e havia se escondido na mata, o procurou para ter com ele sobre algumas dúvidas. Com certo cuidado, abordou-o:

- Sábio homem, perdoe-me o jeito sorrateiro de o procurar, mas precisar ter convosco...

O homem, sem se incomodar com o fato, respondeu de forma calma:

- Aproxime-se homem, não tenhas receio. Percebo em ti um modo simples e sincero de falar.

O outro homem sentiu-se acolhido e sentou-se próximo ao sábio. Respirou profundamente e lhe disse:

- Vim até ti porque nada mais consegui com outros profetas que se dizem o messias...

O homem não disse nada. Ele prosseguiu:

- Vim até aqui e não o conhecia, não sabia se tu poderias responder-me, como ainda, em verdade, não sei. Mas sinto que podes se aproximar dela.

O homem perguntou:

- E por que achas isso?

Sem dúvidas, o outro respondeu:

- Porque tu disses que não és o messias. E isso demonstra como sabes quem realmente é, sem enganações a ti mesmo. Isso demonstra verdade e sabedoria.

O homem apenas balançou a cabeça de maneira positiva e depois perguntou:

- O que te afliges? Não sei se posso te ajudar, mas podes dizer e vemos o que consigo...

O outro perguntou após respirar novamente de forma profunda:

- Tenho família, mulher e filhos. Tenho pai, mãe e irmãos. E irmãos de minha mãe e de meu pai. Tenho trabalho e pago impostos. Tenho pão, vinho, água, azeitonas e frutas. Nada me falta, a mim e à minha família...

Fez apenas uma pequena pausa, mas o suficiente para o sábio homem interromper com uma afirmação:

- Mas lhe falta a paz, porque não possuis Deus em teu coração. Não o sente em ti.

O outro, surpreso com a correção do que dissera o sábio, marejou seus olhos, mas prosseguiu:

- Sim... é mesmo isso, bom homem... não sinto Deus, mas quero sentir! O quero em meu coração... mas não sei o que devo fazer... o que faço?

O sábio respondeu:

- O que achas que deve?

- Não sei...

O sábio insistiu:

- Pense bem, medite o suficiente e verás que possuis a resposta em ti. Diga-me, novamente, o que achas que deves fazer?

O homem pensou bastante e disse:

- Querer... apenas querer?

O sábio lhe disse:

- Peça Sua presença em seu coração. Ele irá ouvir-lo.

O homem retrucou:

- Mas isso não será pouco? Não preciso de algo a mais, maior?

O homem sábio, sentindo a dificuldade daquele homem, olhou para o céu, refletiu um pouco e disse a ele:

- Vê aquela moringa ali perto? – Apontou para a peça de cerâmica.

O outro respondeu que sim. O homem lhe disse:

- Está com água. Pegue-a para mim e traga aqui.

Assim o outro fez. Ele levantou-se e pediu para que o homem ficasse de joelhos. Pegou a moringa e virou um pouco de água sobre sua cabeça, enquanto dizia algumas palavras:

- Este homem, esta alma, está agora sendo lavada pela água de Deus. Este homem está renascendo da morte do mundo para a Glória de Deus; deixando de ser pagão para ser glorificado a Deus através da água que purifica e o faz renascer.

Após terminar o sábio levantou o homem, que estava chorando e lhe disse:

- Agora você possui Deus em seu coração. Siga assim e terá a vida eterna.

O outro, sem conseguir dizer nada tamanha emoção, apenas agradeceu e saiu de perto do sábio, chorando, mas sentindo-se renovado e purificado. Sentindo-se um novo e melhorado homem.

Após a ida daquele outro, o homem sábio ficou pensativo, ainda mais do que normalmente ficava. Havia sido a primeira vez que adotava um procedimento como aquele, que não sabia ao certo do que se tratava, de onde vinha a inspiração para tal e o que aquelas palavras ditas representavam. Ele não sabia explicar, mas apenas sabia que havia servido de instrumento para algo de positivo. O homem sabia.

No dia seguinte, na parte da tarde, um de seus amigos o abordou, chamou-o para um lugar mais reservado, pois queria lhe falar em particular. Disse-lhe:

- Fizeste algo na noite de ontem de diferente?

Ele quis saber a origem da pergunta:

- Por que pergunta?

O amigo esclareceu:

- Tem um homem dizendo por aí que você o purificou e agora ele pertence a Deus. E, com isso, há vários querendo que a mesma coisa aconteça.

O homem perguntou:

- Não entendo...

O amigo concluiu:

- Há muitos homens vindo e querendo que faça a mesma coisa com eles: a purificação.

O homem explicou:

- Mas eu não sei o que fiz. Não sei direito. Não sei se posso repetir...

O amigo explicou melhor:

- Você fez algo muito bom, mesmo que não saiba. E agora terá de repetir, porque há uma multidão de homens que ouviram que você pode fazer com que um homem pertença a Deus através da purificação da água.

O homem em ficou em silêncio, mas em seguida disse:

- Vou me retirar um pouco. Quando esses homens chegarem, chama-me.

Dessa forma, o homem foi se recolher para meditar naquelas coisas e, especialmente, para entender o que havia feito e como iria repetir.

Quando uma pequena multidão de homens chegou até o local onde estava, seu amigo o chamou e ele, com algum conhecimento adquirido, se pronunciou:

- Deus purificou aquele homem, não eu. Deus quem agiu na vida daquele homem, não eu. É Deus quem faz as coisas, não eu. Mas eu posso ser o cavalo da charrete de Deus. Isso eu posso ser. A força bruta da verdadeira inteligência.

Alguém perguntou do meio do povo:

- Mas você pode nos purificar como fez com aquele homem?

O homem devolveu a pergunta:

- Estás pronto para ter Deus em seu coração? Sabes o que isso significa?

O povo fez silêncio e ele continuou explicando:

- Não há retorno. Hoje todos vós são do mundo. Depois serão de Deus e não há volta para isso. Uma vez purificados por Deus, não poderão retornar ao mundo. Estão prontos para isso? Estão prontos para que Deus more para todo o sempre em seus corações?

Parou por alguns momentos, observou o povo, mas concluiu em seguida:

- Aqueles que não estiverem prontos, podem se retirar e voltar quando assim estiverem. Os outros, formem fila, que eu pedirei a Deus que os purifique.

Dessa maneira, naquele dia houve o ritual de purificação de mais de trinta homens, incluindo alguns de seus amigos próximos.

O nome dele não era João. Ele era outro homem. Alguém devotado ao bem e à paz, mas anônimo para as massas que ainda viriam.

Suas histórias foram narradas por outros homens e omitidas pelos interesses mesquinhos daqueles que haviam eleito outro para estandarte de uma causa, de um ritual.

Sua história, como tantas outras, foi eliminada pela ganância e soberba dos homens que possuíam o poder.

Ele não era o messias e seu nome não era João. Mas seus feitos eram bem intencionados e ele agia conforme a vontade de Deus.

Dedicou a vida aos outros e, com o passar dos anos, ficou muito mais calmo e mais compreensivo. O que não impediu que fosse preso e torturado sem motivo aparente. Desencarnou na prisão, muito velho, simplesmente por se negar a se ajoelhar perante estátuas pagãs.

Ele não foi ícone, nem estandarte. Mas poderia ter sido, o que em nada mudaria seu interior de graça, beleza e paz.

O Último Ancião

Na região interior da antiga Pérsia, num local remoto distante da civilização, corria o ano 100 d.C. Lá havia um grupo de pessoas, muitas vezes ainda hoje chamado tribal de forma equivocada, frise-se, uma vez que este termo não é o melhor adjetivo para determinar exatamente o que ali acontecia.

Não constituíam uma tribo, visto que não eram selvagens, algo que erroneamente o termo leva a crer, na linguagem coloquial. Por outro lado, tribo também pode designar qualquer grupo de pessoas reunidas por um interesse único ou similar e, nesta acepção, aplicar-se-ia ao grupo, eis que todos ali possuíam um forte vínculo, um ideal de busca além da compreensão de todos. Todavia, quando atualmente o termo é usado para caracterizar grupos de pessoas da antiguidade, geralmente assume conotação pejorativa para o lado silvícola, da ignorância e da ausência de capacidade cognitiva avançada.

Aquele grupo de pessoas nada tinha de selvagem ou ignorante, no sentido de não possuir evolução no que tange ao respeito e amor ao próximo, o que ainda hoje, frisamos bem, é tarefa difícil para o homem que se diz civilizado. Eles apenas estavam distantes geograficamente das civilizações, mas, em moral, respeito e

proximidade com o Divino, estavam muito à frente de muitas cidades.

Neste grupo havia muitas mulheres e homens em idade adulta, além de crianças e idosos, mas estes já estavam com idade avançada, e muitos estavam desencarnando antes que outros pudessem atingir a velhice. Com isso, poucos idosos restavam, pois as doenças acabavam vencendo o fragilizado corpo físico. Este processo se arrastou durante alguns anos até que apenas um único idoso restou naquela tribo.

A principal fonte de conhecimento dos mais jovens era justamente ouvir o que os idosos tinham a dizer. E muito embora os mais maduros tenham ouvido quase todas as histórias e captado bastante do conhecimento dos antigos, a visão do mundo destes e seu olhar aprofundado sobre os pontos que ensinavam era muito mais eficaz e os tornavam ainda mais sábios. Porque uma pessoa pode saber em teoria sobre determinado assunto, mas se realmente não compreender sinceramente em seu interior, na prática não conseguirá exercer o que em tese sabe. Era isso o que acontecia na tribo, o último ancião era o único com real conhecimento e capacidade para transmiti-lo não apenas na teoria, mas para conduzir os homens à vivência, através de ritos, as mesmas situações do cotidiano. Ele possuía essa habilidade que outros, de conhecimento meramente teórico, não poderiam ter.

Essa impressão, da importância efetiva dos anciões, no caso, do único ancião, era compartilhada por todos na tribo, que valorizavam verdadeiramente aquele último ancião. E ele realmente tinha muito a oferecer. Muito conhecimento e tato para interagir com os maduros e, especialmente, habilidade para conduzi-los a ter as próprias experiências de real enriquecimento e absorção de conhecimento prático e efetivo.

Seu nome era Abdias, mas todos o chamavam de ancião. Ele era o grande esteio da tribo, que passava por uma espécie de crise, pois todos já previam a passagem de Abdias e, com isso, não havendo ninguém em condições de ocupar seu lugar, todos temiam que, sem aquele suporte, a tribo inteira poderia se perder e em pouco tempo. Não haveria mais união e, conseqüentemente, não existiria mais tribo.

Abdias conhecia esse temor e tentava transmitir segurança a todos, mas os integrantes da tribo, ao invés de se preocuparem em ouvir as palavras de apoio e confiança de Abdias, perdiam tempo apenas em tentar eleger o próximo sábio. Abdias nada dizia sobre isso. Silenciava, pois sabia que nada que dissesse seria realmente ouvido e, conseqüentemente, absorvido pelos integrantes da tribo.

Mas toda vez que alguém lhe perguntava sobre quem ele achava que poderia ocupar seu lugar, ele respondia:

- Todos e ninguém.

Aquela resposta, evidentemente, não agradava a ninguém que a ouvia, mas nenhum integrante ousava retrucar ou mesmo perguntar o motivo. Todos apenas silenciavam e guardavam as impressões para si, ou as compartilhavam com outros. Um pouco de insatisfação surgia no meio da tribo, não com o conhecimento do sábio - isso era inquestionável -, mas com a suposta falta de interesse de Abdias em sua sucessão.

Até que um dia o integrante com mais idade depois de Abdias, mas que mesmo assim ainda não poderia se considerar ancião, o procurou para um diálogo.

- Velho Abdias, poderia ter contigo?

Abdias respondeu apenas acenando de forma positiva. Com isso, o outro perguntou:

- Sabes que estamos preocupados... já tens idade avançada e podes nos deixar... quem sabe o que pode acontecer?

Abdias perguntou a ele:

- Quer me perguntar mais que isso. Por que não faz sua pergunta?

Um pouco sem graça, ele perguntou:

- Quem ficaria em teu lugar, velho? Dê-nos uma resposta que sirva...

Abdias sorriu e disse:

- Você quer um nome, mas isso eu não posso lhe dar.

O outro insistiu:

- Mas o que quer dizer quando diz “todos e ninguém”?

Abdias manteve o sorriso e respondeu:

- Não é preciso muito para o que querem. Qualquer um pode fazer, todos podem. Mas ninguém de fato consegue. E não consegue porque não quer, tem medo. Eu nada posso fazer sobre isso.

O homem não entendia bem e insistia:

- Mas, velho Abdias, tem de existir alguém...

Abdias disse:

- Depois de mim, você é o mais velho. Não se acha suficiente? Poderia ser você...

O outro não quis aceitar:

- Não, não! Não pode ser eu... eu nada sei! Eu somente tenho a idade, mas não sei o que sabes, velho... não estou preparado...

Abdias disse:

- Mas é isso que venho falando todos esses anos... vocês não se acham, mas podem ser suficientes...

O homem silenciou um pouco, pensou bastante e depois perguntou:

- E o que nós faremos, velho? O que nós faremos depois de você partir, nos deixar? O que iremos fazer?

Abdias disse:

- Vocês saberão...

- Mas como? – perguntou o outro.

Abdias sorriu novamente e respondeu:

- Vou lhe contar algo, uma pequena história sobre um jovem líder de sua tribo...

O homem se animou e disse:

- Uma história sua, sobre você, com certeza!

Abdias respondeu:

- Não, não... Este homem da história não completou a idade que tenho.

O homem ficou em silêncio e Abdias iniciou a história:

- Havia uma criança que desde muito cedo, em tenra idade, com cinco primaveras contadas, já sonhava em ser como as outras crianças mais velhas e maiores, que começavam a ser preparadas para serem jovens guerreiros. Aquela criança queria muito ser como as outras mais velhas, muitas vezes fugia de onde deveria ficar, junto às mães e às outras crianças de sua idade, para observar a preparação dos mais velhos... queria ser como eles. Toda aquela curiosidade e vontade lhe trouxe problemas, porque enquanto as crianças de sua idade estavam aprendendo a brincar e faziam coisas da idade, aquela criança estava tensa, preocupada em ser o que ainda não poderia. E, muitas vezes, acabava sendo punida por sua mãe por ter fugido de seu convívio. Mas o tempo passou e havia chegado o momento de sua própria preparação para jovem guerreiro, pois já havia atingido a idade necessária. Portanto, sua preparação começaria. Porém, ele começou a

perceber que, enquanto era preparado para ser jovem guerreiro, já havia outros, mais velhos, que faziam rituais para tornarem-se guerreiros de verdade. E ele queria ser como aqueles. Por isso, muitas vezes fugia de onde deveria estar para observar os rituais, ao invés de permanecer em sua própria preparação. E isso também lhe trazia problemas, porque, muitas vezes, era punido pelo chefe que tratava da preparação dos jovens guerreiros. Mas o tempo continuou passando e ele completou a idade para fazer seu ritual e tornar-se um jovem guerreiro. Ele ficou feliz?

O homem respondeu:

- Sim, ficou.

Abdias respondeu:

- Não, não ficou. E sabe por quê?

O homem respondeu que não sabia e Abdias continuou a história:

- Porque começou a ver os guerreiros mais experientes que ele, um pouco mais velhos, que saíam em caças mais longas e difíceis, enquanto ele apenas caçava coisas mais fáceis e não podia se afastar muito da tribo. Por isso, muitas vezes fugia de onde deveria estar para observar os guerreiros mais experientes. E isso também lhe trouxe problemas, porque muitas vezes era punido por

guerreiros mais velhos. Mas o tempo continuou passando e ele atingiu idade para ser um guerreiro mais experiente e sair em caças mais longas e difíceis. Isso o deixou feliz?

- Sim, ficou feliz. - respondeu o homem.

Abdias respondeu da mesma maneira anterior:

- Não, não ficou e sabe por quê?

O homem disse que não e Abdias prosseguiu com a história:

- Porque ele viu os guerreiros ainda mais experientes que já tinham mulheres, filhos e suas próprias ocas, e que também eram os que caçavam os maiores animais e mais ferozes. E ele queria ser como eles. E muitas vezes fugia de onde deveria estar para observar os outros. E muitas vezes foi punido por esses guerreiros bem mais experientes que ele. Mas o tempo passou ainda mais. E sabe o que aconteceu? Ele teve idade para ter mulher, filhos e oca, o que aconteceu. E pôde sair para caçar animais maiores e ferozes. E isso o deixou feliz?

O homem não sabia o que dizer:

- Não sei, velho. Eu ficaria... mas não sei se ele ficou feliz com qualquer coisa...

Abdias prosseguiu:

- Não ficou. Apenas porque ele viu que havia homens que não eram mais guerreiros e apenas ficavam na tribo cuidando de tudo e ensinando os mais novos. E ele viu que todos respeitavam e obedeciam a esses homens. E ele quis ser como eles. E muitas vezes fugiu de onde deveria estar, na caça, para ficar na tribo observando esses homens. E muitas vezes foi punido. Sabe por quem?

O homem respondeu:

- Por esses homens mesmo.

Abdias respondeu:

- Não. Foi punido pelo chefe da tribo. E sabe por quê?

O homem respondeu:

- Não, velho, não sei.

Abdias respondeu e prosseguiu a história:

- Porque ele já havia errado muito e nenhuma punição mais lhe servia. O que fazia estava cada vez mais grave e ele precisava ser punido cada vez com maior severidade. E o chefe da tribo era quem o punia, porque não havia ninguém de maior respeito que o pudesse punir. Mas o tempo passou e

ele chegou na idade em que poderia ficar na tribo, cuidar de tudo e ensinar aos mais novos e viu que todos o respeitavam e obedeciam. Mas ele ficou feliz?

O homem respondeu:

- Sim! Agora ficou feliz!

Abdias sorriu e respondeu:

- Não, não ficou. E sabe por quê?

O homem fez sinal com a cabeça de que não sabia e Abdias prosseguiu com a história:

- Porque ele viu que existiam alguns velhos como eu, que nada faziam, mas que muito sabiam e todos, até os homens como ele respeitavam e obedeciam. E sabe o que aconteceu?

- Ele quis ser como eles! – O homem se apressou em responder.

Abdias disse:

- Não. Não quis ser. E sabe por quê?

O homem disse que não e Abdias prosseguiu:

- Porque ele entendia que não poderia ficar sem fazer nada porque não sabia o que os outros

sabiam. Ele não sabia. Ele não era como deveria ser porque passou sua vida inteira tentando ser o que não era e fugindo de onde deveria estar. E por isso mesmo não era o que deveria ser. E isso foi o fim para ele, porque um dia viu uma criança com cinco primaveras e quis ser como ela, que apenas aprendia a brincar com outras crianças e ficava com sua mãe. Mas, para isso, não poderia deixar o tempo passar. E foi punido por isso.

- Pelo chefe da tribo? – o homem perguntou:

Abdias respondeu:

- Pelo chefe da tribo do céu, porque não havia mais ninguém daqui que o pudesse punir. E por isso ele não chegou à idade que cheguei.

O homem ficou em silêncio e Abdias concluiu:

- Não se pode fugir do que se deve ser. Quando chegar o momento, seja quem deve ser. Viva o que for para ser vivido. E aprenda com cada momento.

O homem continuava em silêncio. Abdias perguntou:

- Entende o que quero lhe dizer?

O homem disse não e Abdias mesmo assim respondeu:

- Que você não deve fugir de ser quem deve ser.

O homem queria dizer algo, mas Abdias não permitiu. Apenas lhe disse para ir e pensar sobre aquela história.

Após aquele dia, o homem que ouviu a história passou a repeti-la aos demais todas as vezes que tinha oportunidade, mesmo sem ter entendido exatamente sua representatividade. Isso fez com que grande parte da tribo, mesmo sem propósito definido, se esforçasse para fazer o melhor, tentando ser o que, de fato, poderia. E todo esse movimento gerou uma onda de confiança generalizada que Abdias sabia ser passageira, mas que, ao seu término, deixaria poucos herdeiros, aqueles que efetivamente tenham alterado algo em si e encarado a história com verdade interior. Esses, sim, poderiam ser reais exemplos e, talvez, dependendo de quem fosse, poderia ser um candidato ao posto de ancião, que todos achavam que em pouco tempo estaria vago.

Algum tempo depois, membros da tribo foram dialogar com Abdias sobre algumas dúvidas que tinham sobre temas gerais. A primeira pergunta mais interessante foi:

- Velho, como sabe que existem deuses no céu que nos protegem? Quem lhe contou isso?

Abdias respondeu:

- Quem me contou foram os mesmos que contaram a vocês, nossos velhos ancestrais.

O outro insistia na pergunta:

- Mas quem contou a eles?

Abdias mantinha a calma:

- Os velhos deles.

Aquelas respostas não agradavam e Abdias sabia disso, mas esperava para ver a reação de quem perguntava, que continuou argumentando:

- Mas como você sabe que tudo isso é verdade, que não estamos nos enganando?

Aquela pergunta levou a um espanto generalizado, pois que todos ali, menos Abdias, consideraram a pergunta como blasfêmia, mas o ancião não demonstrou irritação; ao contrário, respondeu a pergunta com o mesmo respeito que as demais:

- Os velhos nos contaram... mas eu sei porque sinto. E porque posso tê-los em mim, ajudando e ensinando.

Todos emudeceram por instantes. Mas logo em seguida, o homem tornou a perguntar:

- E todos nós podemos sentir também? Ou só você os pode?

Abdias respondeu:

- Todos vocês podem, as mulheres e as crianças podem. Aqueles de outras tribos podem. Mas, para isso, é preciso acreditar que eles podem nos ajudar e ensinar.

- E como fazemos isso?

Abdias fez, então, o que atualmente seria considerado como uma meditação guiada. Pedindo que todos fechassem seus olhos, e dizendo frases, preparando seus espíritos e acalmando seus corpos, Abdias conseguiu colocá-los em algum contato com a espiritualidade, da maneira, logicamente, que imaginavam existir.

Depois de encerrado aquele momento e com todos em estado de muita leveza, Abdias perguntou a todos:

- Conseguem sentir a diferença entre antes e agora?

Todos responderam que sim. Então o ancião lhes disse:

- Então agora vocês podem ir e aproveitem que os estão sentindo e percebam o que podem fazer

por vocês. E percebam o que vocês podem fazer por eles. E, assim, façam!

Eles se foram, com alegria em cada coração.

Algum tempo depois, o mesmo homem que tinha mais idade na tribo depois de Abdias retornou para conversar com ele. Era noite e eles dialogavam a sós à luz de uma fogueira. O céu estava estrelado e não havia nuvens. O homem então lhe disse:

- Velho, você nos diz muitas coisas e nós ouvimos... então quero lhe perguntar sobre todos os deuses. Todos eles.

O homem parou de falar, esperando que Abdias fosse dizer algo, mas ele não disse. Portanto, o homem concluiu:

- Onde eles estão de verdade? O que pensam de nós? O que fazem de verdade por nós? E será que posso ser punido por pensar e dizer isso?

Abdias lhe perguntou:

- Por que isso lhe aflige, filho?

O homem respondeu:

- Quero saber sobre eles por que eles parecem saber tudo sobre nós.

Abdias tornou a perguntar:

- Isso apenas? Perguntou apenas por esse motivo?

O homem pensou um pouco e depois respondeu com alguma hesitação:

- Velho... respeito os deuses, mas vejo algumas coisas e não sei... eu não sei...

Abdias já sabia onde o homem queria chegar, mas perguntou um pouco mais:

- O que você vê, filho? Do que está falando?

O homem disse um pouco mais:

- Vejo a terra que dá fruto, mas pode não dar. Vejo a água que bebemos, mas que pode faltar. Vejo a lua e o sol que brilham, mas que se escondem também.

O homem parou de falar e Abdias perguntou:

- Mas o que você acha que isso tem com os deuses?

O homem respondeu:

- Não são eles que possuem todas essas coisas? Por que fazem isso? Por que dão e tiram quando querem e como querem?

Abdias já tinha entendido, mas queria retirar um pouco mais do companheiro de tribo. Então, lhe perguntou:

- Você acha o que disso? Para você, por que os deuses fazem isso?

O homem, sem ter muita escolha, porque sabia que teria de dizer o que sentia, caso contrário, corria o risco de não ter respostas, disse com alguma dificuldade ao ancião Abdias:

- Velho... eu... eu digo que... um Deus assim... deuses assim... que tiram quando querem, sem explicar... e dão quando querem... podem não ser... mesmo deuses...

Essa era a verdade do coração do homem que Abdias já conhecia, mas precisava que ele verbalizasse. O velho lhe disse:

- Não se preocupe com esses deuses, porque o deus verdadeiro nada tem relação com esse mundo de terra e pó, de água e pedra.

O homem se surpreendeu bastante. Um pouco chocado, perguntou:

- Como, velho, como deus verdadeiro? Esses deuses não são os verdadeiros?

Abdias respondeu com a mesma calma de antes:

- Esses deuses comandam o que temos, a terra e a água. Mas a terra e a água são desse mundo. De onde viemos, de onde a terra e a água também vem, esses deuses em nada mandam, de nada sabem. Apenas o deus verdadeiro, acima de todos os outros deuses, pode comandar a origem da terra, da água e de nós. O Deus verdadeiro é quem importa, porque é capaz de dar e tirar sem precisar nada fazer, bastando-Lhe apenas ser.

O homem não entendeu muita coisa, porque era muita informação para processar. Diante da confusão mental que a sua expressão denunciava, o ancião lhe disse para ir pensar sobre todas aquelas coisas e depois retornar outro dia para nova conversa.

O homem foi embora e Abdias permaneceu sentado junto à fogueira, olhando as estrelas, o céu limpo e pensando em tudo o que havia dito para aquele homem. Em determinado momento, divagou em voz alta:

- Deus verdadeiro, essa é a única verdade que sei... De nada mais sei... e nem preciso, porque o Deus verdadeiro sabe por mim. Só preciso saber por Ele.

Alguns dias depois, o mesmo homem retornou para continuar a conversa com o ancião. Ele perguntou:

- Abdias, onde fica esse deus verdadeiro? Por que não sabemos o que faz, como sabemos dos outros? Por que cada um cuida de alguma coisa, dos animais, das plantas, das plantações, das montanhas, da chuva, do sol...

O ancião lhe respondeu com cautela:

- Ele cuida de tudo, mas não cuida de nada. Porque se cuidasse, colocaria suas mãos neste mundo e isso faria dele alguém muito próximo de nós e ele está muito distante de nós.

O homem perguntou:

- Mas você disse que ele cuida...

Abdias respondeu:

- Cuida sem cuidar. Cuida de quem cuida, sem botar suas mãos no trabalho.

- E por quê? – O homem perguntou.

O ancião respondeu:

- Se ele estivesse com suas mãos no trabalho, estaria muito perto de nós e nos destruiria com sua força, mesmo sem querer nos destruir.

O homem insistia:

- Mas onde ele fica, Abdias?

O ancião olhou bem profundamente nos olhos daquele homem e respondeu:

- Na vida.

- Na vida? – o homem não entendia.

Abdias prosseguiu:

- Toda vez que uma criança nasce... toda vez que um animal nasce... toda vez que uma planta cresce, que uma árvore dá fruto... toda vez que chove, que faz sol, que a lua aparece, que vemos as estrelas... todas as vezes que acordamos e respiramos... todas as vezes que bebemos a água do riacho e comemos os peixes de lá... nessa vida.

O ancião fez uma pausa e concluiu:

- E todas as vezes que uma criança morre, que um animal morre, que uma planta morre, que uma árvore morre, ou quando morreremos porque deixamos de respirar... nessa vida ele também está. O Deus verdadeiro está.

O homem não entendia:

- Na morte? Como pode ter vida na morte, velho?

Abdias respondeu:

- Existe muito mais vida na morte que na própria vida, meu filho.

- Como? – o homem quis saber.

O ancião esclareceu:

- Quando você olha para o céu e vê as estrelas... quando você passa muito tempo olhando para elas e vê como são bonitas e brilhantes... quando você está mesmo olhando para elas, com respeito, alguma coisa fala com você... dentro de sua cabeça... e lhe explica essas coisas... quando você olha com respeito os animais, as plantas, as crianças, os homens e as mulheres, quando bebe agradecido a água do riacho... quando vive com respeito pela vida, alguém fala com você dentro de sua cabeça e lhe diz todas essas coisas.

Parou um pouco e concluiu:

- Todos querem saber quem pode ficar no meu lugar quando eu for. E eu sempre disse: todos e ninguém. E sabe por que, filho? Porque todos podem olhar para o céu, para as plantas, para os

animais e beber agradecidos a água do riacho. Mas ninguém falará em suas cabeças. E sabe por que, filho? Porque ninguém tem respeito pelo outro, pelas crianças, pelos homens e pelas mulheres. Mas todos poderiam ter... E é esse respeito profundo por toda a vida, não só por parte dela, que o ajuda a alimentar-se, a matar a sua sede. O respeito profundo pela criança que chora e faz sua cabeça doer, o respeito profundo pelo homem que te agride, que te fere e o respeito profundo pela mulher, mesmo quando ela não te agrada. Tudo isso faz parte da vida tanto quanto os animais, as plantas e a água do riacho. E se não respeitar essas coisas, como respeita as outras, não respeitará a vida toda, só parte dela. E isso não é suficiente. E aqui todos podem ter esse respeito, mas ninguém tem. Não é pedido nada acima do que podemos. Apenas um respeito profundo pela vida... pela vida inteira. E como o Deus verdadeiro está na vida inteira, não se pode vê-Lo, senti-Lo e ouvi-Lo, se apenas se respeita parte da vida. Porque o Deus verdadeiro não se divide, não se pode dividir. Ele é, apenas é.

Abdias parou de falar e o homem havia entendido. O ancião olhou para ele e teve essa sensibilidade.

Na manhã seguinte, Abdias desencarnou e aquele homem, de forma natural, assumiu o lugar de sábio e de mais velho da tribo. E foi ele, aquele homem, o último ancião daquele povo, porque,

alguns anos depois, eles foram mortos e dispersados pelos exércitos do poder local. Mas aqueles que conseguiram sobreviver, mantiveram vivas essas histórias, inclusive esta, deste conto, que foi transmitida para os mais próximos. Até que algum dia, alguém resolveu documentá-las e guardá-las para a posteridade, que apenas chega agora.

Nota do espírito comunicante: Todos os diálogos deste e dos demais contos pertencentes a esta coletânea, em especial deste último, tiveram a linguagem adaptada à contemporaneidade por dois motivos: primeiro, para facilitar a leitura e o entendimento; segundo, para viabilizar o trabalho mediúnico através da psicografia. No entanto, a essência dos diálogos e dos conhecimentos não foi alterada.

Leia também
outros títulos do
Instituto
Pirâmide:

Psicologia Junguiana Sob o Olhar Espiritual Aprofundado

Espírito Dr. Abraham Arden Brill

Esta obra é o resultado do primeiro esforço conjunto dos doutores Carl Jung, Sigmund Freud e Abraham Brill, sendo este último o responsável pela transmissão mediúcnica das informações.

Este projeto teve início no momento em que os três vultos da psicologia moderna se encontravam desencarnados e analisavam seus legados acadêmicos e os comparavam com novas informações adquiridas através de estudos no mundo espiritual.

A partir do cruzamento das informações, os autores espirituais desenvolveram abordagem inédita sobre temas específicos da psicologia Junguiana, de forma a ampliar e introduzir novos prismas de entendimento.

Neste livro, os temas escolhidos foram: complexos, libido, inconsciente coletivo e depressão.

Com linguagem acessível a todos, esta obra destina-se tanto a profissionais e estudantes de psicologia, quanto aos interessados em compreender a psique do espírito imortal.

Joanna e a Atualidade Através do Espiritismo

Espírito Joanna de Ângelis

A estimada e muito amada irmã Joanna de Ângelis presta seu apoio ao projeto de compartilhamento gratuito de livros psicografados, através desta nova obra.

Conforme já explicado pelo irmão Ramatís, em sua carta pública de esclarecimento disponibilizada no site www.institutopiramide.com.br, os espíritos comunicantes não podem ser tratados como marca de instituição editorial alguma, razão pela qual é perfeitamente legítima a livre manifestação.

No intuito de avaliar diretamente as diretrizes deste projeto e a ele emprestar seu prestígio, a irmã Joanna procurou a equipe espiritual que o coordena e entendeu que a melhor forma de subscrever a carta de Ramatís seria oferecendo um livro de sua autoria, sem prejuízo à continuidade dos trabalhos de longa data realizados, com tamanha qualidade e precisão, em parceria com renomado médium, no cenário espírita contemporâneo.

Isto exposto, nada mais há a dizer além de aconselhar os leitores a aproveitarem este belo e instrutivo livro de mensagens construídas a partir de excertos da obra “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

Luzes do Amanhecer

Espírito Ermance Dufaux

Este é um livro composto por 40 singelas mensagens com a marca de Ermance Dufaux. Uma obra repleta de palavras amigas e carinhosas, providas de conteúdo aprofundado sobre o ser humano, que trazem aprendizado, paz e conforto.

São mensagens de estímulo ao empenho, à perseverança e às atitudes positivas ante os desafios evolutivos. Leia quando precisar: ao acordar, antes de dormir, antes de sair de casa, ao retornar, ao deparar-se com um problema ou em momentos delicados da vida. Ou, ainda, no culto cristão no lar.

Permita-se ser inundado pelas belas, doces e emocionantes mensagens para renovação íntima da estimada irmã Ermance Dufaux.

Induções Espirituais em Tempos de Transição Planetária

Espírito Ramatís

Nesta elucidativa obra, o espírito de Ramatís nos adverte sobre a atuante presença das legiões do mal na rotina diária de todos os encarnados através de poderosas induções mentais e as maneiras pelas quais podemos nós nos defender.

Utilizando-se de pirâmides hipnóticas, torres de controle mental, agentes de indução, entre outros recursos, podem as legiões maléficas nublar a visão do homem, através de distrações, confusões e os mais variados desvios. Ramatís nos fala pormenorizadamente de cada um dos recursos nocivos ao homem utilizados pelas mentes malignas, porém de igual maneira, trata os recursos dos quais dispõem as falanges do bem no auxílio aos encarnados.

Em uma leitura envolvente e rica em detalhes, Ramatís nos mostra a necessidade de nos proteger do mal, especialmente no período de transição planetária pelo qual passa o planeta Terra. Aponta ainda que devemos ter urgência em alterar nossas conexões vibracionais, caso contrário, estaremos nós fadados ao degrado planetário.

Ramatís de forma atenciosa nos aponta o caminho. Mas cabe a um tomar suas próprias decisões.

Dois Amigos, Uma Vida e Um Mestre

Espírito Esíades

Nesta obra, o espírito Esíades nos contempla com a continuação da coleção intitulada “No Tempo de Jesus”.

Este é um emocionante relato do tempo em que dois jovens passaram ao lado de Jesus. Como se conheceram e como se tornaram amigos, tudo através da admiração que nutriam por aquele homem santo, que apenas de nome conheciam. E, principalmente, o que aprenderam com o Mestre.

Passagens valiosas com ensinamentos proferidos diretamente por Jesus, até então desconhecidos, são descortinadas nesta obra, através do convívio desses dois amigos, chamados de crianças, pelo próprio Rabi da Galileia.

Para aqueles que se interessam pelos conteúdos excluídos da história humana por desmandos de poder do Clero Católico, esta é uma leitura imperdível, ideal para quem deseja conhecer um pouco mais sobre a intimidade de nosso grande mestre, Jesus.

Trabalhos Mediúnicos na Casa Espírita

Espírito Klaus

O espírito Klaus nos brinda, nesta fascinante e esclarecedora obra, com diversos assuntos relativos aos trabalhos desempenhados pelos médiuns dentro das casas espíritas. Com linguagem acessível e abordando com a habitual franqueza todos os temas do livro, Klaus permite com sua narrativa que não somente os médiuns se beneficiem desta obra, mas também abrange a leitura para simpatizantes e curiosos acerca da doutrina espírita.

Desobsessão, trabalhos em desdobramento, vidência e intuição, convívio entre os médiuns e reforma íntima são os temas tratados pelo sempre incisivo irmão Klaus que, além de nos trazer textos introdutórios sobre os assuntos, ainda responde a uma série de perguntas formuladas acerca dos temas propostos. Klaus responde a mais de 160 perguntas de forma clara, franca e com apurado conhecimento sobre as questões abordadas, tão pertinentes às atuações dos médiuns dentro das casas espíritas. Leitura obrigatória para quem deseja aprender sobre os meandros e detalhes do bom funcionamento de qualquer instituição espírita, sendo trabalhador ou frequentador.

Anarquia no Clero – Uma História Sobre Livros Perdidos

Espírito Lucarino

Durante a idade média, dentro de um convento para frades menores. Foi neste cenário que uma trama do próprio Clero privou a humanidade de conhecimentos, através da destruição de livros e papiros raros.

Lucarino, o autor espiritual, que viveu neste convento na época onde tudo aconteceu, ocupando a posição de franciscano copista, narra com riqueza de detalhes todos os sórdidos e surpreendentes momentos deste maquiavélico plano.

Mostra, ainda, como as trevas interviram no processo e quais os motivos que o Clero possuía para o cruel e sombrio desfecho.

Indispensável para quem deseja saber mais sobre os bastidores da história religiosa, no que tange aos escritos que, naquela época, feriam aos interesses da Igreja Católica.

As Visões de João, um Pequeno Profeta

Espírito Esíades

Emocionante e importante relato sobre a vida de um jovem profeta e o que ele enfrentou para que suas visões pudessem chegar à posteridade. O relato inclui seus dramas pessoais e todas as dificuldades vivenciadas à época pelo povo, cerca de 150 anos depois do nascimento de Jesus. Como se já não bastasse a pressão exercida pelo Império Romano sobre qualquer cidadão, João enfrentou desafios adicionais por ser seguidor do Cristo e evangelizador. O jovem cristão, desde cedo, tinha visões do futuro. Em princípio, apenas de pessoas e cenários próximos no espaço e no tempo. Posteriormente, João começa a ter visões mais elaboradas, com pessoas por ele desconhecidas e cada vez mais distantes no tempo. Suas visões incluem a idade das trevas e o holocausto, entre questões de bastidores da Igreja Católica e a bomba atômica. Porém, suas visões não são apenas sobre eventos que nos dias de hoje já aconteceram. Este surpreendente livro nos traz visões acerca de um futuro que ainda não vivenciamos. Os principais fatos deste livro foram escritos em papiros e enviados para a Igreja, onde, por motivos diversos, foram perdidos.

Cinco Temas para Cinco Amigos

Diversos Espíritos

Nesta obra, cinco espíritos convidados abordam individualmente cinco temas diferentes: amor e sensibilidade; liberdade e responsabilidade; reencarnação; transição planetária e comportamento dos médiuns.

Cada capítulo trará uma mensagem inicial e o aprofundamento do tema pelo espírito, que ainda responderá a cinco perguntas pertinentes ao assunto abordado.

Além da irmã Ana, de calmas e doces palavras, a obra conta ainda com a participação de Lucarino, autor de Anarquia no Clero – Uma História sobre Livros Perdidos, dos frades Roberto Luccia e Eluades; além da gentil e emocionante presença da irmã Ermance Dufaux.

Cinco Temas para Cinco Amigos é uma obra imperdível para aqueles que desejam saber mais ou serem iniciados em questões tão importantes e atuais. Sendo indicado não somente para os médiuns, mas para todos que simpatizam e frequentam o Espiritismo.

Felicidade Contida no Amor – A Busca da Paz

Espírito Ermance Dufaux

Novamente a estimada irmã Ermance Dufaux supera-se. Desta vez, nos brinda com belíssima obra sobre a busca da felicidade real, e não apenas tece considerações teóricas que permeiam o perímetro da paz e da felicidade, vai mais longe e nos indica os caminhos, tal qual uma legítima psicóloga, nos conduzindo por sessões de autoconhecimento.

Trata-se de uma jornada para dentro de nossa própria consciência, começando pelo olhar sobre nós mesmos. Em sequência, exploraremos nosso passado emocional, abordando inclusive nossos dramas e conflitos. Tudo com a brandura, paciência e amor desta inconfundível irmã.

Os leitores encontrarão, além de auxílio, alívio e conforto nestas páginas.

Sem dúvida, trata-se de um livro renovador e profundo, que conduzirá o leitor a novas percepções de vida na busca pela paz que o Senhor nos reserva.

Judaeh, um Anônimo Seguidor de Jesus

Espírito Lucarino

O espírito Lucarino nos brinda com esta primeira, emocionante e reveladora, obra da coleção intitulada “No Tempo de Jesus”.

Este livro narra detalhes, até então desconhecidos, da passagem de Jesus entre os encarnados, feito por testemunhas oculares que tiveram contato direto com o Mestre e escreveram o que viram, e suas experiências pessoais com o Rabi da Galileia. É uma daquelas narrativas perdidas no tempo, pelos mais variados motivos; porém, felizmente para a humanidade, através do autor espiritual Lucarino, que em uma de suas encarnações personificou um franciscano copista, foi trazida de volta para lançar luz sobre diversos temas, ainda polêmicos, nas palavras do próprio Jesus, como por exemplo, a reencarnação. O livro conta a história de Judaeh, apenas mais um daqueles anônimos seguidores de Jesus. Mas diferente da maioria, Judaeh teve a bondade de nos deixar relatos preciosos sobre a época em que Jesus, nosso zeloso governador do orbe, andou com seus próprios pés sobre a Terra. Prometendo ser esclarecedor, este livro certamente responderá a diversos questionamentos que há tanto permeiam o imaginário popular.

Gnósticos da Primeira Idade – Espírito Esíades



www.institutopiramide.com.br

faleconosco@institutopiramide.com.br

Encontre-nos também no Facebook.